Pe. JÚLIO MARIA, S. D. N.

São Gabriel, Maomé e o Islamismo

† Livros Católicos para Download

1.ª Edição

1954

EDITORA "O LUTADOR"

Manhumirim — Minas

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Imprimatur

Caratinga, 25 de março de 1945.

† João Cavati C. M.
Bispo de Caratinga

† Livros Católicos para Download

CARTA DO REVMO. CENSOR, Pe. ANGELO CONTESSOTTO, S-J.

Município de Tijucas,
Santa Catarina.

Excelentissimo e Reverendissimo Senhor,

Laudetur Jesus Christus.

Após atenta leitura, devolvo às sagradas mãos de V. Excia., com o *nihil obstat* á impressão, o sólido e oportuno trabalho:

São Gabriel — Moamé e o Islamismo —

Do saudoso batalhador de Manhumirim, tão súbita e tràgicamente arrebatado da luta jornalística, em fins de dezembro pp.

E' mais uma das muitas provas do grande zêlo que inflamava o coração de apóstolo do inolvidavel P. Júlio Maria. Esta nova trilogia póstuma, a exemplo do Bispo de Hipona, ataca rijamente o êrro respeitando a quem erra. Não há adversário que não tenha algo de bom. Faz bem às almas retas ver como o nobre Autor, neste seu testamento, reconhece as boas qualidades no campo inimigo, mesmo tratando-se de um adversário tão figadal da Cristandade. Em nossos dias, êste belo exemplo torna-se oportuníssimo. Espezinhar um adversário simplesmente pela sua humilde origem, mostrando-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

lhe a cada passo os pés de barro, além de não ser muito objetivo é muito pouco imparcial.

Deus guarde a V. Excia Revma.

De V. Excia. servo em Cristo.

P. Angelo Contessotto S. J.

A S. Excia. Rvma.

D. João Cavati C. M.

Bispo de Caratinga

Minas

† Livros Católicos para Download

PREFÁCIO

O novo livro que a "Editora O Lutador" ora publica é o último trabalho do saudoso Pe. Júlio Maria, que deixou uma obra tão vasta e multiforme como só deixaram semelhante alguns Padres da Igreja.

E' o último que saiu de sua pena chamejante. As derradeiras páginas foram encontradas sôbre sua mesa quando na trágica noite de 24 de dezembro de 1944 introduzimos em seu modesto quarto aquêle que já não era mais dêste mundo.

Êste livro é, pois, uma relíquia preciosa, que oferecemos aos milhares de leitores e apreciadores da obra do grande Pe. Júlio Maria. Pode parecer que sua leitura não tenha interêsse, pelo assunto que versa. Além disto, publicado sòmente nove anos após a redação, afigura-se ainda mais que o livro perde totalmente a razão de ser.

Mas exatamente isto é que faz jus à nossa curiosidade e admiração. E' uma obra que não pode e não deve ficar desconhecida, porque a última de um autor tão cheio de méritos.

* *
*

Poderia alguém perguntar por quê sòmente depois de nove anos se publica enfim tal preciosidade. São dês-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

tes acontecimentos que a gente não sabe explicar. Reconhecemos que foi verdadeiro descuido de quantos continuamos a desenvolver e propagar sua maravilhosa obra.

A morte do saudoso autor, nas conjunturas em que se deu, deixou-nos estarrecidos e perplexos. Roubou-nos a presença de espírito em muitos pontos. Nada mais natural. Seria preciso não sermos filhos para que nos acontecesse diferentemente do que aconteceu. Assim, cremos, se justifica plenamente o lapso de terem permanecido entre papéis velhos, até agora, os originais do presente livro.

* *
*

Afoitamo-nos, afinal, em dizer que o livro não perdeu mas ganhou atualidade com a tardança da publicação. Êle vai ser agora mais apreciado como relíquia de um grande morto. Vai ser lido com mais sofreguidão pelos que, saudosos de seus escritos inéditos, vão reencontrá-lo nestas páginas, como redivivo, tratando um assunto que nunca tratara, apresentando-se com as roupagens sempre autênticas de seu estilo alerta e vibrante.

Se o assunto é sem aplicação — porque não temos, creio, o Maometismo como um perigo religioso no Brasil, presentemente, — o fundo histórico é sempre útil e continua a ser interessante para todos os tempos. Além disto, o empolgante da narrativa, na pena vibrante que a

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

faz, toma vulto incomparável. Tem-se a impressão de um romance histórico.

* *
*

Não é, entretanto, romance êste livro sôbre Maomé, pois não há aí ficção, criação e caracterização de personagens na grande trama da narrativa. Não é romance. E' a verdadeira história, guerreira, épica em certos transes, duma figura que deixou rastro nos fastos religiosos do mundo oriental. E esta história vai escrita com proficiência e encanto.

Há sempre no Pe. Júlio Maria a mão do teólogo, que analisa os acontecimentos à luz da fé. Descreve, mas não faz simplesmente descrição. Analisa. Critica. Mostra senões. E mostra também qualidades, até nos próprios partidários do êrro. Esta particularidade do talento do Pe. Júlio Maria, outrora tão bem refletida noutro livro paralelo — "O CRISTO, O PAPA E A IGREJA" — aquí reaparece com igual vulto e alerteza.

Não hesito em dizer que êste livro terá numerosos leitores e já sai a lume com o triunfo assegurado.

Que êle realize nas almas o bem almejado pelo ilustre Autor.

Pe. ANTÔNIO MIRANDA, SDN.

Manhumirim, 20/5/53.

INTRODUÇÃO

Jamais me passara pelo pensamento escrever, um dia, a vida do fundador do Islamismo, pela razão muito simples de ignorar a existência de muçulmanos em nossa querida Pátria Brasileira.

Um vigário brasileiro tirou-me o véu da ilusão, escrevendo que em sua paróquia existe sofrível número de maometanos... famílias, aliás boas, diz êle, porém ignorantes da própria seita como da religião dos outros.

Pensa êle que uma exposição sucinta, clara e simples, da vida e doutrina de Maomé, e da expansão do Islamismo, seria um meio de esclarecer os muçulmanos e os católicos, dando aos primeiros, uma prova inconcussa da origem completamente humana da sua seita, e aos segundos, mais convicção e firmeza na profissão prática da sua religião, a única divina.

Tal é a razão do presente trabalho, que completa estudos anteriores já publicados, sôbre:

"O CRISTO, O PAPA E A IGREJA",

"O DIABO, LUTERO E O PROTESTANTISMO"; e, agora,

"GABRIEL, MAOMÉ E O ISLAMISMO".

Maomé atribuiu as suas revelações a S. Gabriel; eis porque o Arcanjo aparece aquí, em disparate, ao lado de Maomé e da seita fundada por êle.

Possam estas linhas projetar um raio de luz sôbre as almas e orientá-las para a verdade.

E' a única aspiração do autor.

P. JULIO MARIA, S. D. N.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO I

A ARÁBIA NOS TEMPOS DE MAOMÉ

Para se compreender a ação de Maomé, importa conhecer o meio em que exerceu sua atividade de reformador.

A Arábia não é sòmente povoada de árabes, como nem todos os árabes residem na Arábia.

Não há uma raça árabe, como não há uma raça cristã. Antes de Maomé, existia uma raça nômade, ardente, sempre em guerra, que se foi modificando pouco a pouco, pela mistura de outras nações, de modo que, hoje em dia, dificilmente se encontra o tipo autêntico do árabe de outrora.

A Ásia ocidental adianta-se da Síria, na direção do Oceano Índico, tendo a forma de um vasto trapézio, unido ao Egito pelo istmo de Suez, banhado ao ocidente pelo Mar Vermelho e ao oriente pelo Eufrates. Eis a Arábia.

Êste país, cujas tradições vão tão longe, que os mercadores percorrem e que forneceu inúmeras lendas e narrativas aos poetas e historiadores, ainda hoje é mal conhecido, devido ao fanatismo de seus habitantes.

Os árabes não usam nome de família, mas se distinguem pelo nome do pai, antecedido pela partícula "*BEN*". O prefixo "*ABU*" significa possuidor.

Fogoso como o seu corcel, sóbrio como o seu camelo, o árabe é supersticioso, sanguinário, mas generoso para com seus amigos. A vingança passa de geração

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

em geração e faz parte da sua religião, de modo que raramente perdoa o sectário uma ofensa recebida.

A língua dos árabes é animada, pitoresca, expressiva. Sua imaginação, viva e fecunda, e o entusiasmo das paixões o fazem propenso à poesia, miscelânea de verso e prosa harmônica, a que um idioma flexível e rico oferece grande cópia de rimas.

A poesia era considerada pelos árabes como inspiração divina, e convém notar esta particularidade que empresta um vislumbre de verdade às visões do nosso herói Maomé.

Quando algum poeta se revelava na tribu, eram convidados os amigos para um alegre banquete, e proclamava-se a nova glória ao som da trombeta.

A poesia árabe, em vez de consistir numa obra de arte como a nossa, ou de ser animada por ficções místicas como a dos gregos e indús, é a expansão espantânea de paixões ardentes, de desejos impetuosos, de impulsos de amor ou de vingança. Nutre-se de parábolas, de enigmas, de sentenças, por meio de uma linguagem figurada e de imagens desregradas.

: — : — :

Segundo as tradições, os árabes são descendentes de Sem, por Heber e Katan, e de Ismael, filho de Agar; dêste modo se dizem descendentes do Patriarca Abraão, tendo no comêço a mesma religião e as mesmas tradições que os Israelitas. Como êles, eram circuncisos e acreditavam na existência de um só Deus.

No decorrer dos tempos, caíram na idolatria, adorando, além de Deus, os astros e as inteligências que os

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

dirigem. Oravam três vêzes por dia: ao nascer do sol, com oito adorações, prostrando-se três vêzes a cada uma; ao meio dia e à noite, com cinco adorações.

Sendo tradição sua que, tendo os pais do gênero humano visto no paraíso uma casa perante a qual se prostravam os anjos em adoração, quiseram imitá-la sôbre a terra, e Abrahom ou Ismael construiu em *Meca*, pelo seu modêlo, a *CAABA*, ou casa quadrada, santuário de tôda a Arábia.

Guardou-se nesta Caaba a *pedra negra*, núcleo primitivo da terra, dizem êles, outrora rubí flamejante, que, caindo do Céu, iluminou tôda a Arábia com os clarões da aurora; foi-se esta pedra apagando e enegrecendo, à medida que se pervertiam os homens, e só tornará a brilhar no dia do juizo.

Os devotos iam todos os anos, em peregrinação, visitar esta casa sagrada, em volta da qual circulavam sete vêzes em passo rápido, beijando sete vêzes a pedra e percorrendo outras tantas as montanhas vizinhas.

A Arábia, antes de Maomé, não conhecia união alguma, política ou religiosa.

As tribus do centro e do norte, cujo conjunto formava os *Ismaelitas*, eram apegadas ao velho paganismo semítico.

As tribus do sul (Yemen) foram durante um tempo governadas por uma dinastia cristã da Abissínia e pertenciam à Pérsia, no tempo do profeta. Encontravam-se alí bastantes cristãos e judeus. O centro pertencia às tribus nômades, quasi exclusivamente pagãs.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A capital *Meca*, em razão de seu antigo santuário, a *Caaba*, constituia o centro religioso e comercial mais importante.

Uma grande romaria e uma feira nacional reuniam aí as várias populações do país. Havia lá um certo número de cristãos, enquanto bastantes judeus povoavam a cidade vizinha *YATRIB*, denominada mais tarde Medina.

A Arábia tinha vários bispos cristãos, e contava um bom número de mártires em tempos de perseguição por que havia passado. O Cristianismo, porém, não chegou a implantar-se em todo o país, localizou-se nas regiões do noroeste e sudoeste.

Qual é o Deus que se adorava na Caaba? A tradição islamítica ortodoxa diz que era *ALAH*, o Deus único.

E' certo, porém, que, ao lado do Deus único, se adoravam ídolos, entre os quais a divindade moabita *Hubal* e as três divindades: el-*Lat*, el *Ozza* e *Manãt*, que se diziam filhos de *Alah*, do Deus único.

A Caaba era, dêste modo, um verdadeiro santuário politeísta; certas tradições pretendem que alí se prestava também homenagem a Jesús e Maria.

Naquela interpenetração de pagãos, judeus e cristãos se havia formado uma religião que não era mais nenhuma das três originais, uma espécie de ecletismo em que se tomavam ou rejeitavam, conforme os gôstos e antipatias particulares, crenças e práticas piedosas.

E' nêsse ambiente impregnado de superstição e de meias religiões que devia nascer Maomé, o grande reformador da nação e o fundador do Islamismo.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A Arábia estava madura para uma revolução religiosa, de que o Cristianismo, em certa medida, havia facilitado a execução, faltando apenas o homem apropriado para tomar a frente do movimento.

O mesmo fenômeno, aliás, aconteceu com tôdas as revoluções religiosas.

Lutero apareceu na época em que a Alemanha dividida, entregue às paixões e à exaltação, queria sacudir o jugo da autoridade. Fora dessa época, Lutero teria sido apenas um comunista.

Maomé, igualmente, apareceu na época preparada pela falta de uma religião certa, conhecida, quando todos sentiam a necessidade de orientação firme e segura.

Se a Igreja Cristã tivesse tido uma expansão mais larga e mais profunda, bastante forte para formar o espírito e orientar a alma das populações árabes, o Islam não teria vingado, ou teria ficado apenas como uma seita regional, como o são hoje as novas seitas protestantes, inventadas a cada passo.

Aquí vai começar a história do Islam, pela aparição e a atividade de Maomé, que se dirá "o profeta de Deus", inspirado pelo Arcanjo S. Gabriel, que conhecia de nome e de ofício, pelo contato dos judeus e dos cristãos.

Convém, no entanto, notar que S. Gabriel nada tem com Maomé nem com as pretensas revelações que êste lhe atribui.

O glorioso Arcanjo no sistema de Maomé serve apenas de anzol para atrair e de véu para encobrir o que é do homem, quando êsse homem o quer atribuir a Deus.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO II

PRIMEIROS ANOS DE MAOMÉ

A data tradicional do nascimento de Maomé é o ano 570 depois de Jesús Cristo. A primeira infância do futuro reformador fica envôlta nos véus meio transparentes da história e da legenda.

Nasceu em *Meca*. Sua mãe Amina, já viuva, era de condição medíocre, apesar de ser de uma família bastante opulenta. Após 6 anos, morreu, deixando o filhinho em completa orfandade de pai e mãe.

O pai de Amina, chamado Abdalah, pertencente ao grupo dos Hachimitas, fração importante dos Coraichitas, recolheu o órfão que pretendia educar; porém, tendo falecido pouco tempo depois, o menino ficou entregue a seu tio Abon-Talib.

Êstes pormenores nos são revelados pelo próprio Maomé em seu Alcorão, onde êle faz dizer ao anjo Gabriel:

Não eras tu órfão e Deus não te recolheu?
Êle te encontrou desviado e te guiou!
Êle te encontrou pobre e te enriqueceu!

Abon-Talib educou o órfão com grande carinho. Não sendo rico, não pôde dar a seu filho adotivo uma educação esmerada, mas orientou-o para o comércio, o seu próprio ramo de vida.

O menino era inteligente, observador das coisas e dos fatos, e visivelmente inclinado às práticas religiosas.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

De um caráter sério, pensativo, sonhador, não apreciava as festas barulhentas nem as conversas prolongadas.

Sentia em sí uma propensão para a vida solitária, para a poesia sonhadora, para o misticismo da solidão, que a sua imaginação ardente povoava de seres invisíveis.

Não era êle, como se tem pretendido às vêzes, um doente, um epiléptico. Ao contrário, sentia em sí uma vida ardente, transbordante, porém repleta de um espiritualismo obsedante, que o colocava muito acima do buliçoso materialismo de seus patrícios.

Seu tio o estimava muito, e levava sempre o menino em sua companhia, admirando ao mesmo tempo a sua inteligência precoce, o seu natural ponderado e sério, o seu traquêjo social impecável e a profundeza das suas observações e palavras.

Comerciante como era, sem instrução, Abon-Talib, nem sequer se lembrava de cultivar o espírito de seu sobrinho, mas pensava ùnicamente em adestrá-lo para a vida comercial. Participava êle das grandes caravanas que iam regularmente para Okad, na Síria, através dos imensos desertos e dos vales do *Oued Rouma* e do Mar morto.

Conta-se que, numa destas viagens, o jovem Maomé teira encontrado um Bispo Cristão, *Gous ben Saído,* Bispo no Nejran.

Era um ancião de barbas brancas, que foi durante muitos anos o grande apóstolo do deserto e árbitro dos árabes. Montado em seu camelo e sem outro púlpito além do arqueado dorso do animal, falava e instruia o povo que o cercava com veneração; tomava por teste-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

munhas (como o fará mais tarde o Alcorão, no qual várias suratas oferecem com essas prègações notável semelhança, até mesmo nas palavras) o céu, o mar, a noite, as estrêlas.

O jovem Maomé, de alma poética, ardente, bebia as palavras sublimes do Prelado Cristão, que impressionavam profundamente o seu espírito e sua imaginação.

O Bispo Gous falava à multidão dos guerreiros e mercadores da inutilidade da glória e das riquezas. Dizia, ou antes recitava, no estilo oral de frases místicas, que era então a forma da eloquência:

"O' homens, ouví e compreendei:
Quem vive morre, e quem morre passou.
O que tem de ser será.
Noite tenebrosa, céu constelado,
Ondas revôltas, estrêlas cintilantes.
Esplendor e obscuridade, igualdade e justiça,
Alimentos e bebidas, roupagens e montarias,
Que vejo? Os homens passam e não voltam,
Serão seus leitos tão agradáveis,
Que não se querem mais erguer?
Ou, abandonados, não têm quem os acorde?

O homem não se limita a êste mundo;
Êle tem um outro destino.
A sua pátria é o Céu, a casa de Deus,
Que o criou à sua imagem;
Somos na terra como a chuva,
Que Deus manda fecundar as plantas.
As plantas crescem preparando o seu fruto;
Nós somos estas plantas, o fruto do bem

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O bem que devemos produzir na terra
E oferecer a Deus para remir os nossos pecados
E obter dêle a recompensa eterna."

Assim falava horas infindáveis, desenvolvendo e variando sempre as imagens, alternando-as com sentenças e provérbios, sem aborrecer o auditório, que amava loucamente êsses recitativos harmoniosos, essas pérolas recolhidas por um mestre hábil.

Muitos anos mais tarde, Maomé ainda se lembrava do *Bispo Gous* prègando do alto do seu camelo, e pedia às vêzes a Abou Bakr que lhe recitasse um de seus discursos.

Foi essa, sem dúvida, uma das primeiras influências cristãs que êle experimentou.

Tais viagens, repetidas várias vêzes, e em diversas direções, abriram novos horizontes aos olhos do jovem Maomé.

Ativo, inteligente, perspicaz como era, dotado de um exterior simpático, de uma imaginação fecunda, de uma palavra fácil e imaginosa, o jovem cameleiro ia conquistando a amizade de seus companheiros e senhores.

Nas longas noites, deitado ao lado de seu camelo, Maomé, sonhador, cantava, inventava versos suaves, que embalavam o sono dos caravaneiros e excitavam a admiração dos seus camaradas.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Entre as grandes fortunas de Meca, contava-se uma viuva chamada *KHADIDJA*, da tribu Coraichita, que por duas vêzes fôra casada com ricos comerciantes.

Um de seus empregados que viajava com Maomé e apreciava êsse mancebo sensato e honesto, recomendou-o à viuva.

A figura agradável, a beleza viril, a fisionomia franca dêsse jovem árabe de vinte e cinco anos inspiraram-lhe tanta confiança que ela o tomou ao seu serviço.

Maomé tornou-se o homem de confiança da rica viuva, dirigindo suas caravanas através de tôda a península. Os negócios de Khadidja corriam maravilhosamente, ao ponto que um dia, depois de uma importante excursão bem sucedida, a viuva resolveu casar-se com o seu empregado.

Maomé, apesar da diferença de idade — êle com 25 anos e a viuva com 40 — aceitou e, desde êste dia, tornou-se, pela fortuna de sua mulher, um personagem de certa importância, em Meca.

A tradição conta que o seu lar foi feliz e que Maomé foi sempre fiel à sua consorte. Entretanto, uma mudança visível vai-se operando nêle. Mudança não repentina, mas fruto de uma disposição latente, refletida, que esperava apenas a ocasião favorável para se manifestar pùblicamente: esta mudança é a obsessão religiosa e a ambição do poder.

Sem ter uma idéia nítida da religião, de Deus e da vida futura, Maomé sente em si uma aspiração que êle mesmo não compreende, mas que o impele a uma prática mais completa da verdade... Mas, que é a verdade?

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O que vê em redor de si não é a verdade. A vida que levam seus patrícios não está dentro da verdade.

Os usurários que pululam em Meca e comandam as caravanas não estão na verdade.

Os beduinos ladrões e anárquicos, os aventureiros sem escrúpulo, os negociantes desonestos não podem estar na verdade: esquecem-se de qualquer coisa de essencial.

Os ídolos que montam guarda em volta da Caaba não são verdadeiros.

O deus Hobal, de grandes barbas e roupas espalhafatosas, embebidas de perfumes, não é um deus verdadeiro.

Como conhecer a verdadeira religião?

Será a dos judeus, tão poderosos em Yatrib e no oásis de Hijaz?

Será a dos cristãos, detentores de um livro misterioso que impõe respeito... e de cujo chefe êle se lembrava — o Bispo Gous, cuja figura majestosa tinha um como reflexo do Céu, e cuja palavra era tão divina?

Maomé apreciava êsses cristãos em suas viagens. Mesmo nos arredores de Meca eram bastante numerosos, sobretudo entre os escravos vindos da Abissínia.

Êle se sente atraído por esta religião, mas conhece-a muito mal. Precisava de um esclarecimento: procurava-o, ora com um cristão, ora com os judeus, ora com os pagãos mais sensatos, fazendo-se, dêste modo, uma percepção mais extensa da religião em geral, sem, entretanto, conceber qual a religião verdadeira.

Ao lado desta aspiração pela verdade, o jovem espôso de Khadidja, agora rico e poderoso negociante de

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Meca, sente-se chamado a dominar, a reformar, a rasgar novos horizontes na vida materialista, estreita e egoista dos seus patrícios.

As várias tribos de árabes estavam divididas, sempre em guerra umas contra as outras, sem encontrar uma autoridade segura, dominante, que as orientasse para a união e o progresso.

Tudo isso começava a apontar na ardente imaginação de Maomé... tudo isso, dia por dia, ia tomando corpo em seu espírito. Eram projetos... eram idéias!... longínquas, porém não irrealizáveis.

E o jovem árabe pensava, interrogava, observava com uma insistência e uma tenacidade que foi notada por todos aquêles que o cercavam.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO III

A OBSESSÃO RELIGIOSA

Várias opiniões têm sido emitidas sôbre o estado de alma e de espírito de Maomé.

Pensam uns que era um doente, um histérico, epiléptico, visionário. Tal opinião, embora admitida por muitos e veiculada em várias vidas de Maomé, não parece, entretanto, resistir a uma observação atenta e a um estudo sério da vida e sobretudo das guerras do fundador muçulmano. Parece-nos difícil coordenar os ataques, crises e debilitamento de tal moléstia com a vida agitada, violenta e tenaz do pseudo-profeta. Aliás suas palavras denotam reflexão, inteligência, perseverança, tenacidade, qualidades que não se concebem informando uma personalidade doentia.

Parece-nos mais lógico acreditar na sinceridade de Maomé. Êle tinha sentimentos religiosos, não se pode negar, e até sentimentos exagerados a êsse respeito, desviados, é natural, pela ignorância e pelas idéias do ambiente em que vivia.

Não era letrado; êle mesmo confessa que não recebeu nenhuma instrução. Mas tinha um grande espírito de observação, de modo que a experiência adquirida pela prática, no comércio e nas viagens, deu-lhe noções bastante claras e extensas sôbre a vida, os abusos e a miséria humana e aspirações para um ideal superior ao complexo que o circundava.

A tradição conta que um primo da sua mulher Khadidja, chamado Waraca Ben Neroval era cristão fervo-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

roso e instruido, de modo que, vivendo em certo tempo na intimidade de Maomé, deve ter-lhe dado bastantes conhecimentos sôbre a religião de Jesús Cristo e as práticas de piedade.

A variedade e diferença de religiões professadas na Síria: cristãos, judeus, pagãos, fetichistas, etc., dera ao jovem árabe uma idéia falsa da religião, como hoje, em países protestantes, divididos por centenas de seitas, nasce a idéia de que são os homens que fazem a religião. E fazem-na conforme as necessidades da época, para extirpar abusos e desenvolver um bem determinado.

Em tal ambiente, apodera-se de certos homens bem intencionados, mas ignorantes, um certo fanatismo que excita neles uma *obsessão religiosa* e os lança em novos empreendimentos, ou mesmo os faz fundar novas seitas, como vemos hoje ainda entre os protestantes.

Parece-nos ter sido o caso de Maomé.

Êle tinha uma noção bastante certa de Deus, da sua unidade, da sua providência, das recompensas e dos castigos reservados aos homens, conforme as suas obras; faltava-lhe, porém, e por completo, a parte apologética da verdadeira religião. Comparando as noções religiosas adquiridas no contato dos cristãos com o grosseiro fetichismo de seus correligionários, Maomé sentia profundamente o contraste absurdo, experimentando uma repulsa fortíssima a êstes fetiches, onde tudo era falso e faltava por completo a noção do Deus Verdadeiro.

Pelo ano de 610, diz a tradição, a crise interior de Maomé manifestava-se em tôda a sua plenitude. Não suportava mais a idéia de que o essencial faltasse à religião de seu povo.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Cada qual apegava-se ao seu fetiche, ao ídolo da sua tribo e do seu *clan*. Temiam os fantasmas, que chamavam os *jins* do mal. Descuidavam-se da suprema realidade.

O coração de Maomé desembaraçava-se de tôdas essas idéias acessórias, desligava-se de tôdas as fôrças que dependem de uma outra fôrça, de todos os seres que não fôssem mais que um reflexo do *Ser único*.

Sabia-o agora, pois que o aprendera com os cristãos sírios e mequenses: havia uma religião revelada. Certos povos haviam recebido ordens divinas, eram depositários de uma verdade; homens inspirados tinham-lhes falado em nome do Céu.

Cada vez que os homens se perdiam, o Céu enviava um profeta para os reconduzir ao verdadeiro caminho, para os chamar à verdade imutável.

A religião dos profetas de todos os tempos era uma só. Os homens desfiguravam-na, mas vinham sempre os enviados do Céu para a reerguer.

O povo árabe chegara então ao cúmulo do extravio. Não era preciso que a misericórdia divina se manifestasse de novo e viesse especialmente em seu auxílio?

Essas idéias atormentavam o generoso árabe, tornaram-se uma verdadeira alucinação para êle.

Por que o povo árabe, e em que, seria êle inferior às outras nações, aos judeus, aos cristãos? Se Deus era um só, não governava êle a todos com a mesma dextra e a mesma medida?

Os judeus diziam ter recebido do Céu seus profetas que, em nome de Deus, revelavam ao povo a vontade de Alah, do Deus único... Os cristãos diziam ter si-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

do instruidos pelo próprio Jesús Cristo que era Deus, e êles, os árabes, não teriam também um mensageiro celeste, um profeta, um enviado de Deus, que os orientasse no caminho do bem e da verdade?

E Maomé pensava, cismava, meditava, compenetrava-se dêste argumento sem réplica. Era a sua idéia fixa. Todos os seus pensamentos concentravam-se sôbre esta idéia, a ponto de ir ficando alheio a tudo o que o cercava.

Renunciando cada vez mais ao convívio dos homens, ficava êle horas e horas, sentado na escuridão ou deitado ao sol, ou então caminhando a passos largos pelos atalhos rochosos da solidão onde se ia esconder. Já não distinguia bem a noite e o dia, o sonho e a realidade.

Ao fim de seis mêses, Maomé estava alquebrado. Emagrecera. Seus movimentos tornaram-se bruscos, a barba e o cabelo em desalinho, o olhar estranho. Enfurecia-se. Ter-se-ia tornado um possesso, um infeliz endemoninhado, hediondo joguete do poder das trevas?

Ter-se-ia tornado — pois lhe vêm muitas vêzes à bôca, inconscientemente, frases cadenciadas — um desses poetas inspirados por um *jinn* (espírito do mal)?

Exaspera-se, e exclama: "Tenho mêdo de ficar doido... sinto em mim os sintomas dos possessos!"

As primeiras confidências eram feitas à sua mulher Khadidja, que o consolava e tranquilizava, mas seguia com inquietação a marcha da moléstia desconhecida de seu marido.

A forte convicção de Maomé era que havia só um Deus, governador do mundo, que a idolatria ou adora-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ção de fetiches aos quais se atribui vida e poder era um êrro grosseiro, e que cada nação devia ter o seu profeta.

Foi sob a impressão desta idéia constante que uma noite, num sonho atormentado, em meio de um pesadêlo horrível, parecia-lhe ouvir uma voz que dizia:

Proclama, em nome de teu Senhor
Que criou o homem do sangue coagulado;
Proclama, pois o teu Senhor é o mais generoso,
E' êle que ensinou ao homem a servir-se da pena,
Que lhe ensinou o que o homem não sabia.

E' o próprio Maomé que cita esta passagem no Alcorão (Surata 96, 1-5).

Estas palavras o deixaram numa dúvida horrível, numa verdadeira agonia de morte. Perguntava-se a si mesmo se não era vítima dos jinns, ou se era aquilo uma realidade, um convite de Deus.

Pouco tempo depois, em outro pesadêlo, Maomé pareceu ouvir uma nova voz, que diz ser do Anjo Gabriel, falando-lhe:

Levanta-te e adverte os homens,
Glorifica o teu Senhor,
Conserva puros os teus vestidos
E foge da abominação,
Não queiras amontoar riquezas,
E, por teu Senhor, sofre com paciência.

Esta segunda inspiração ou obsessão resolveu as suas dúvidas e fê-lo acreditar com firmeza que Deus o chamava como profeta do seu povo.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO IV

O CARÁTER DE MAOMÉ

A grande questão que se apresenta aquí, a quem examina o caráter de Maomé, é saber se realmente êle estava convencido da sua missão de *reformador*.

Os biógrafos que estudaram o caso estão quase unanimemente pela afirmativa.

Em consequência de seu estado de espírito, de sua obsessão, êle acreditava ser chamado por Deus a trabalhar para o soerguimento moral de seus patrícios. Ninguém e nada nos autoriza a suspeitar da boa fé desta convicção (Lammens — Mahomet, fut-il sincère?).

Estudando e penetrando os melhores historiadores de Maomé e a fonte original de sua doutrina, que é o Alcorão, fica-se convencido de que êle acreditava interiormente e chegou a formar-se uma convicção da sua missão, que era substituir o culto idólatra dos árabes por uma religião mais alta e mais pura. (Schwally: Geschichte des Korans, I, pg. 3).

Tal convicção não se limitava a uma reforma espiritual, mas, unindo o espiritual ao material, Maomé pensava reformar a sua nação, tanto civil como religiosamente.

Nêsse tempo e nessas paragens longínquas, afastadas dos centros civilizados e das organizações de governos, o povo unia sempre, em seu espírito, a questão religiosa e a questão civil, que era para êle uma questão única: a de uma autoridade suprema.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Pela sua obsessão religiosa, Maomé queria reformar a religião pagã, estando convicto da sua falsidade, mas, como tinha ao mesmo tempo aspirações ambiciosas, queria também ser chefe temporal, civil e militar e ter uma autoridade completa, integral sôbre o povo reformado.

A religião lhe serviria de pedestal para o poder civil, e o poder civil seria uma base para a expansão da religião.

Não juntando êsses dois elementos constitutivos, encontramos na vida de Maomé um dualismo, uma transição inexplicável, radical; enquanto, unindo-os, tudo se compreende, tudo se unifica em uma síntese lógica e natural.

Estudando-se imparcialmente, ou mesmo com certa incredulidade o Alcorão, chega-se à conclusão de que Maomé foi honesto e sincero no início de sua reforma, sendo levado pelo desejo de melhorar as condições morais, religiosas e materiais de seus patrícios.

A razão fundamental desta afirmação é que Maomé, sem convicção pessoal, teria sido incapaz de inspirar a seus primeiros companheiros, árabes orgulhosos e interessados, uma convicção tão sincera que os levasse a abandonar pais, riquezas, pátria para se associarem aos pobres e aos escravos do primeiro séquito do reformador.

E tal convicção não foi simplesmente uma exaltação entusiasta de momento, mas durante largos anos tornou-se um dos característicos dos árabes.

Mesmo quando o Céu dava o desmentido às promessas e ameaças de seu profeta, os adeptos conserva-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

vam a mesma convicção na sua missão divina de reformador.

Juntemos a isso o tom sincero e entusiasta do prègador de Meca, a sua perseverança em face da indiferença e da oposição de seus patrícios, o seu caráter moral, ainda puro das manchas que o deformarão mais tarde em Medina e nas conquistas realizadas com tanto êxito e firmeza — e conclui-se necessariamente pela sinceridade do profeta.

Prègador religioso convencido, Maomé não foi nem socialista, nem comunista — foi *reformador.*

Alguns biógrafos exageram quando afirmam que o islamismo não entrou na vida como sistema religioso, mas como ensaio social para combater certos abusos materiais que prevaleceram na época (Grinime: Mohammed, t. I, p. 14).

Deve-se reconhecer que o islamismo prestou um serviço importante à ciência, chamando a atenção dos sábios sôbre a natureza social da prègação de Maomé.

Considerações econômicas exerceram, sem dúvida, uma influência considerável sôbre as primeiras prègações do pretenso profeta, sem entretanto explicar-lhes a origem, retirando-lhes o caráter religioso.

Em suma, Maomé servia-se das condições sociais para promover o seu programa religioso, e servir-se-á mais tarde do seu programa religioso para melhorar as condições sociais de seus patrícios (Lammens-Caetani-Hartmann).

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Mas, como explicar o fato de ter Maomé acreditado em sua missão divina?

Êle mesmo, no Alcorão, fala de uma primeira visão, na qual lhe foi comunicada a sua vocação, e de uma segunda, na qual lhe foi confirmada aquela.

Ora, se êle foi sincero no início, como o supomos, é improvável que tais visões tenham sido puramente fictícias.

Expliquêmo-las como quisermos, ou pela alucinação — é a opinião geral — ou por fenômenos de autosugestão, elas não revelam ainda o conteúdo do Alcorão, que é um livro acima de uma inteligência comum, e acima das idéias de um alucinado.

Caetani, baseando-se sôbre os estudos de Goldziher, procura explicar tudo pela inspiração poética (Annali dell'Islam, I, pp. 189-201). Segundo o seu parecer, no tempo de Maomé, todos julgavam os poetas inspirados pelos jins. E' por isso que os contemporâneos o chamaram poeta, julgando-o todos inspirado por um espírito, mas ninguém o acusava de impostura.

O pseudo-profeta partilhou desta crença geral, mas foi persuadido pela própria natureza de suas experiências religiosas, que a inspiração vinha do Alto e que o espírito que lhe trazia as inspirações era bom e vinha de Deus — era São Gabriel.

O que impressiona na explicação de Caetani, é a estranha afirmação de que ninguém, nem os seus inimigos conservam vestígios de tal acusação.

E' talvez falta de reflexão da parte dêste historiador, pois o próprio Maomé, em seu Alcorão, diz-se acusado

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

de impostura de todos os modos (S. 25, v. 5 — S. 16. XV. 103).

Outro biógrafo, Noeldeke, (pg. 121), assevera que a maior parte dos habitantes de Meca tomaram Maomé por um louco ou um impostor: suas revelações são tidas como mentirosas, ao nível das de todos os visionários.

Acusam-no de tê-las copiado de livros antigos e de as ter fabricado junto com um estrangeiro (cristão ou judeu).

Para poderem rejeitar as suas pretensões proféticas, exclamam: "E' um poeta!... êle mesmo as fabricou!".

Esta última citação nos demonstra que os contemporâneos de Maomé não acreditavam muito em tal inspiração poética.

Caetani cometeu aquí um anacronismo, e parece que estamos mais próximos da verdade admitindo que Maomé, acreditando na inspiração dos adivinhos de seu tempo, tenha se elevado à concepção de uma inspiração superior para explicar as suas pretensões religiosas.

Assim pensa também Noeldeke, (Ancient Arabe, Hastings Encyclopedy of Religions and Ethics, I p. 671).

: — : — :

Outros procuram explicar a inspiração de Maomé pela epilepsia, a catalepsia, a histeria e outras moléstias nervosas. "Maomé constitui um caso patológico", diz Macdonald (Aspect of Islam, pg. 72).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Convém observar, entretanto, que nunca foi provado tenha Maomé sido vítima de tais moléstias. As tradições nada afirmam a êsse respeito.

Uma objeção mais forte contra esta opinião é o próprio livro doutrinal de Maomé, que não pode ser o produto de um espírito doentio. Há no Alcorão, com efeito, muita premeditação na composição e muito método no arranjo de certas suratas, muita habilidade na utilização dos materiais estrangeiros, muito oportunismo na adaptação das revelações às necessidades do momento, para se admitir que seja obra de um epiléptico ou de um histérico, escrevendo ou ditando versículos sob o impulso da sua imaginação ou de seus nervos abalados.

De outro lado, como se poderia combinar a reconhecida sinceridade de Maomé na proclamação de sua missão profética, em frente dos textos copiados dos outros, da premeditação, da composição metódica e do oportunismo do Alcorão?

Eis problemas palpitantes que se apresentam a quem reflete e pesa desapaixonadamente a missão do novo profeta.

A resposta encontra-se no próprio caráter de Maomé, que era de sua época e de seu povo, e necessariamente herdara muitos de seus defeitos e de suas qualidades.

Faltava-lhe por completo o espírito lógico e o senso nítido do bem e do mal.

O Alcorão, como o veremos depois, está repleto de contradições. Tais contradições provêm do ilogismo e do oportunismo de seu autor: não se preocupava êste, senão das necessidades da hora presente. Êle seguia sem-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

pre o seu instinto, que julgava ser a voz de Deus, idéia que o dispensava de provar a sua fé.

Estando convencido de que era o enviado de Deus, não interrogava mais a sua consciência: tomava por revelação, não sòmente os pensamentos que lhe surgiam nos momentos de exaltação religiosa, mas até as idéias que conscientemente havia elaborado com materiais alheios. Não distinguia mais entre espiritual e material, entre religião e política, tudo para êle era inspiração.

Maomé tinha um defeito mais grave ainda: a ausência de faculdade de abstração lógica. O seu historiador Schwally, que lhe é bastante favorável, exprime a opinião dos sábios que estudaram o caso, dizendo: "Julgava permitido tudo o que não lhe contradizia abertamente a voz do coração... não hesitava em lançar mão de meios perversos, até da fraude piedosa, para propagar a sua idéia" (Geschichte des Korans, pg. 5).

E que lhe dizia esta voz do coração? quase exclusivamente que precisava prègar contra a idolatria, levar a têrmo a sua missão de profeta.

Para êste fim, não recuou em fabricar revelações, até conscientemente, como, por exemplo, a tal conexão entre a Caaba e Abraão, pela qual pretendia sancionar a peregrinação de Meca.

Para o mesmo fim, servia-se do assassinato, do roubo, do morticínio, muito além do que o permitia o código moral dos árabes.

"Verdadeiro Coraichita, diz o P. Lammens, sacrificava tudo ao sucesso".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Verdadeiro mercador de Meca, atribuia-se a missão de profeta, por meio das dispensas que se permitia na ordem moral.

E' em Medina que êle, exaltado pelo sucesso, se entregará às maiores desordens e fará autorizar, por revelações de S. Gabriel, a sua profunda sensualidade, que não soube dominar, nem diante dos costumes árabes, nem diante da lei do Alcorão, por êle ditada.

Pode-se resumir o caráter de Maomé dizendo que tem a seu favor o retrato que êle mesmo traçou de sí no Alcorão, e que o coloca no ambiente histórico em que vivia, e tem contra si a sua própria infidelidade às leis que promulgou.

E' impossível deslindar o bom e o mau de um caráter tão complexo. Não se deve julgá-lo conforme o nosso metro moral hodierno, em face do qual êle não passaria de um criminoso.

O certo é, que era um homem inteligente, perspicaz, religioso, muito acima do nível de seus patrícios, o que torna difícil desculpá-lo de ter caido tão baixo em sua vida moral.

Como já ficou dito, sofria êle de uma *obsessão religiosa*, queria o bem; mas, insuficientemente instruido, desvirtuava o caminho do bem, seguindo a voz de seu coração, antes que a voz da sua razão, ou consciência.

Êle teve e conservou até ao fim a convicção de trabalhar para o bem de seus patrícios, afastando-os da idolatria e orientando-os para a adoração de um único Deus.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Nesta idéia fixa, não chegou a descobrir a sua responsabilidade pessoal, a inanidade de suas pretensões proféticas, porque a obsessão arraigada, apoderando-se de seu espírito, não lhe deixou mais a liberdade de refletir e de examinar o que era de Deus e o que era dêle.

A auto-sugestão fê-lo criar-se uma convicção, que julgou real e que tomou por bússola de sua ação e de sua moral pessoal.

: — : — ·

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO V

PRÈGAÇÃO EM MECA

O novo profeta de Alah (Deus), vai entrar em cena, com a firme convicção de ser o enviado de Deus, para abolir a idolatria de seu povo e dar novos rumos à vida de seus patrícios.

Apenas podemos seguir o novo profeta por conjecturas indiretas, pois os historiadores desta época misturaram tantas legendas e superstições aos fatos, que é difícil discernir a realidade.

Sua palavra convicta, harmoniosa, imaginada, dirigia-se, no início, aos íntimos, estendendo-se, pouco a pouco, aos parentes e amigos, criando em redor de sí uma espécie de sociedade secreta.

Quais foram os temas que desenvolvia?

Talvez pudéssemos afirmar que foi antes de tudo a fé num Deus único, Alah, e a fé em sí mesmo como profeta de Deus.

Deus é um..., diz êle no Alcorão.
Não há ninguém que se lhe assemelhe em poder. .
Nem o cansaço, nem o sono o vencem.
Tudo o que existe no Céu e na terra lhe pertence.

A esta verdade fundamental o novo profeta associa a morte, o juízo final e o inferno, exorta à prática da esmola, à justiça, à oração precedida das abluções rituais.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Êle fala num estilo apocalíptico, com frases curtas, incisivas, simbólicas e docemente atraentes:

O desejo de aumentar vossas riquezas vos preocupa,
Até ao momento de descerdes ao túmulo.
De certo aprendereis
Ainda uma vez, aprendereis...
Vereis o inferno
Vê-lo-eis com a maior das certezas
E então sereis interrogados
A respeito dos vossos prazeres.

Imagens admiráveis, repetições suaves e terrificantes, sucedem-se sôbre os lábios do novo profeta:

Juro pelo sol e pela claridade,
Pela lua quando ela o substitui,
Pela noite que o esconde,
Pelo céu e por aquêle que o fez,
Pela terra e por aquêle que a criou.
Pela alma e pelo que a formou,
Aquêle que a conservar pura será feliz,
O que a corromper ficará perdido.

Assim a série das aterrorizadoras *suratas* que descrevem a ressurreição, o juizo final, o céu e o inferno, se encadeia numa expressão em que se sente palpitar a verdade cristã, a doutrina de Cristo:

Êles se interrogam sôbre a grande nova
Que é o objeto das suas controvérsias,
Êles hão de sabê-la infalivelmente,
Sim, êles virão a sabê-la,
Tudo o que está na terra passará:
Apenas a face de Deus subsistirá,
Na majestade da glória.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Sente-se em cada uma destas frases uma convicção que parece de profeta e uma firmeza que espanta. O juízo final e o inferno, por exemplo, são de um absolutismo acabado:

A trombeta ressoará.
O homem gritará então: onde encontrar um refúgio?
Não, não há refúgio algum!
O último abrigo será junto do Senhor...
Lá êles não gozarão frescura, nem bebida alguma,
A não ser água fervente e pús...
O inferno; uma das coisas mais graves.

Quanto ao céu, as imagens poéticas sucedem-se num harmonioso conjunto.

Os companheiros da direita!
Oh! os companheiros da direita,
No jardim das delícias,
Sôbre leitos de tecídos artìsticamente dispostos!
A' volta dêstes efebos sempre jovens,
Com taças, jarros e copos de claras bebidas
Que não causam mal à cabeça, nem embriagam...
Não sentirão o calor do sol nem o frio glacial
Não ouvirão alí palavras fúteis.
Nem discursos que excitam ao pecado.
Apenas se ouvirão estas palavras: Paz! Paz!

Assim falava o novo mensageiro do Alto... era como uma doutrina nova... idéias novas... imagens novas, que, embaladas na linguagem suave e acarician-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

te do árabe, excitavam a admiração e exerciam sôbre os ouvintes um estranho atrativo.

Êstes discursos foram recolhidos em parte, e formam as *suratas*, ou versículos do Corão, o livro santo dos muçulmanos.

Narrações bíblicas, mais ou menos deformadas, não tardam a aparecer, provàvelmente à medida que Maomé recolhia novas informações. Mais tarde ainda, narrações do Novo Testamento fazem a sua aparição e completam o ensino do profeta.

As primícias da nova seita, Islam, foram pacíficas. Entre os primeiros que abraçaram a nova doutrina, estava sua mulher Khadidja, Zaid, um escravo liberto por êle, Abú-Bakr, um rico comerciante de Meca; Ali, filho de Abú-Talib, tio de Maomé, Fátima, a sua filha, o escravo abissínio Bilal.

Após êstes, uma enorme multidão de escravos e pobres iam seguindo o profeta, atraídos pelo caráter social da nova doutrina.

Tal prègação, desprezada, ao início, pelos Coraichitas, começou logo a grangear simpatias que provocaram rigorosa oposição da parte de muitos.

Acusava-se a sua prègação de revoltar os escravos e os pobres contra os ricos. O prestígio dos Coraichitas, aliás teria ficado fortemente abalado, se todos os aderentes do profeta se tornassem seus súditos.

Nêste caso, as vantagens da peregrinação a Meca desapareceriam, o que seria para êles uma perda material imensa.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A oposição foi violenta e os historiadores da época representam-na como uma perseguição aberta. Quem sofreu mais nesta luta foram os escravos.

Maomé permitiu então a êstes renunciassem de bôca, exteriormente, a sua doutrina, ficando-lhe fiel interiormente.

Vê-se por êste fato, que a consciência moral do novo profeta não está muito equilibrada.

De um lado perseguições e dificuldades; de outro os conselhos de Maomé, que receava ver abalada a fé de seus aderentes, determinaram um grupo de amigos a se exilarem para a Abissínia. Duas emigrações sucessivas juntaram alí um número de 83 homens e 12 mulheres.

Ao contato dos Cristãos da Abissínia, alguns se converteram, e outros, depois da volta para Meca, forneceram a Maomé novas informações sôbre as crenças cristãs. Vê-se esta impressão nas suratas do Corão dessa época, as quais acentuam a negação da filiação divina de Jesús. Maomé, no entanto, insistia em dizer que a sua religião *é idêntica ao Cristianismo. "E' uma só e mesma religião"* diz êle na Surata XXI, 91, 92).

A conversão de Omar, até aí terrível perseguidor, futuro Califa, marca uma nova etapa para a doutrina de Maomé. Êste acontecimento trazia aos primeiros muçulmanos um refôrço precioso.

Havia dois anos que Maomé não prègava mais em público, mas fazia os seus sermões na casa de Alarcam (615-617). Sob a proteção de Omar recomeçou de novo o seu apostolado em público.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O profeta, para grangear mais adeptos tomou um compromisso com a tribu dos Coraichitas, senhores da Caaba. A Surata 53 conserva a lembrança desta adulteração da sua doutrina.

Prègava um Deus único e tratava de ídolos os demais deuses árabes; porém o profeta reconhece as três divindades pagãs de Meca: Elas são sublimes intercessores (gharānig) diz êle, cuja intercessão agrada a Deus. Mais tarde, êle retirará êste versículo, dizendo que lhe foi ditado pelo demônio em vez de S. Gabriel.

Esta vira-volta de opinião irritou mais ainda os Mequenses que lançaram uma espécie de interdito sôbre tôda a tribu dos hachimitas, tribu do novo profeta.

A sua permanência em Meca tornou-se impossível. Todos os negociantes e ricos da cidade e da tribu dominante eram contrários à nova religião, e estavam resolvidos a expulsar o profeta e seus sequazes da cidade.

: — : — :

Após êste banimento, Maomé, sua família e seus sequazes refugiaram-se numa *kaaba* da montanha. O decreto de excomunhão fôra escrito em pergaminho e afixado na Caaba.

Os novos muçulmanos, quase cercados, impossibilitados de trabalhar e de ganhar a vida, passaram muitas vêzes fome. Felizmente, tinham combinações com certa gente de Meca que os abastecia secretamente.

No fim de umas semanas, a pedido de um amigo da família, o decreto foi revogado e os fugitivos puderam voltar para a cidade. As provações do novo profeta não chegaram, entretanto, ao fim.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

No ano 620, êle perdeu seu protetor e Khadidja, sua fiel espôsa e sua consoladora nas tristezas que ameaçaram, às vêzes, abalar a sua coragem.

Abou Talib era octogenário. Maomé o estimava como a um pai e desesperava-se por não o ter podido converter ao Islam.

Na hora da morte suplicou a seu tio que fizesse a profissão de fé. O ancião recusava-se, afim de que não viessem a dizer depois, que êle assim procedera por mêdo da morte. O profeta teve o desgôsto de ver seu tio, seu pai adotivo, seu benfeitor, morrer na abominação da idolatria.

A morte de Khadidja foi um golpe tremendo para Maomé, pois, além de sua grande fortuna, era mulher forte, havia colocado Maomé no meio da sociedade escolhida de Meca. Não se sabe se o profeta lhe dedicava amor ou simplesmente gratidão, porém, é certo que lhe ficou fiel, e apesar de ela estar com 60 anos, nunca lhe deu uma co-espôsa.

Após a morte da companheira pensou em casar-se de novo com Aicha, filha de seu fiel partidário Abou *Bakr*. Aicha prometia ser uma beleza, mas não contava ainda mais de 7 anos. Celebrou-se então apenas o noivado, o casamento teve lugar dois anos mais tarde, em Medina.

Aicha deveria ser a espôsa preferida do profeta, a única que recebeu virgem... Sendo ainda criança, a futura espôsa foi substituida por outra mulher, Sawda, viúva de um dos imigrados de Abissínia.

Procurava Maomé uma ocasião favorável de sair de Meca, onde era repelido e nada mais podia fazer em

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

prol da sua reforma. Seria possível que alguma outra cidade lhe desse asilo e aderisse à sua reforma?

Lançou as vistas sôbre *Thaif*, a encantadora cidade dos *Tsaquifitas* a 72 milhas de Meca. Ficou alí apenas um mês, sem resultado algum, alvo de insultos e muitas vêzes de agressões da populaça. Os garotos chegaram a correr atrás dêle, gritando e atirando-lhe pedras.

Expulso de Thaif, Maomé, acompanhado de seu filho adotivo Zeid, regressou para Meca, onde continuou a sua prègação, sob a proteção de Abou-Bakr.

Mêses após, em 622, resolveu, enfim, após ter feito estudar a situação, retirar-se para a cidade vizinha de *Yatrib*. A gente desta cidade, onde o profeta contava já uns aderentes, lhe forneceria, talvez, o apôio que não encontrara em Thaif, nem mesmo em sua própria cidade de Meca.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO VI

O CHEFE DE MEDINA

Antes de executar definitivamente o projeto de fixar-se em Yatrib, Maomé havia secretamente preparado o caminho.

Uma dúzia de peregrinos desta cidade havia sido catequizada e conquistada para a nova doutrina. Estes árabes, preparados pelo monoteismo de seus aliados judeus, interrogavam-se sôbre êste homem extraordinário, já conhecido em tôda a redondeza: não seria o profeta do fim do mundo, de que lhes falavam, às vêzes, os judeus? Nesse caso, seria bom conciliarem-se com êle, e reunirem-se-lhe antes de todos os outros.

De outro lado, Yatrib estava, no momento, dividida por rivalidades de tribus, o que havia suscitado uma ruidosa guerra civil entre os *Khazrai* e os *Aos*. Êste profeta talvez conseguisse restabelecer a concórdia.

Tais circunstâncias orientaram definitivamente a carreira de Maomé.

Uma comissão, composta de habitantes já convertidos pelo profeta e uns outros de posições influentes, teve uma entrevista noturna com êle. Tudo ficou assentado: os emissários ficaram de acôrdo com o profeta.

Retorquiu o chefe dos emissários: "Enviado de Deus, nós te seguiremos por tôda parte, mas se morrermos por ti, qual será a nossa recompensa?

— O paraíso, declarou Maomé.

— Estende a mão!

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Êle estendeu para êles a mão, e todos lhe juraram fidelidade.

El Ablas, o chefe da delegação, adiantou-se e disse: "Amanhã, se o quiseres, atacaremos com nossos sabres os idólatras de *Mina*". — "Não recebí ainda esta ordem de Deus, respondeu o profeta, ide em paz... darei as ordens em tempo próprio".

Êste fato não deve passar despercebido: é uma nova fase de ação, na vida de Maomé e de seus muçulmanos, que se inicia.

Até então, o profeta não havia permitido que seus sequazes desembainhassem a espada. O Alcorão não continha senão exortações à paciência. Maomé e os seus, durante 13 anos, responderam a tôdas as perseguições com a doçura e o perdão.

A partir de agora, os muçulmanos estavam autorizados a responder à violência pela violência, mas sòmente quando a ordem viesse de Deus, pelo seu profeta.

: — : — :

Maomé fez seguir para Yatrib, em pequenos grupos, todos os seus fiéis. Uma centena de homens e mulheres se exilaram dêsse modo. O profeta permaneceu ainda, com Ali e Abou-Bakr, em Meca.

Êste último desejava partir também para Yatrib. "Não te apresses, disse Maomé, irás comigo, porque eu também espero ser autorizado por Deus a emigrar".

Vê-se aparecer cada vez mais na vida do profeta a falta de sinceridade, o papel preparado de antemão para anunciar as suas revelações e fazer acreditar que agia sempre sob as ordens de Deus.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

São notas discordantes que começam a manchar a primeira sinceridade da obsessão do profeta.

Abou-Bakr preparou-se para fugir junto com seu amigo, e, durante quatro mêses, teve prontos dois rápidos camelos para êsse fim.

Os Coraichitas, apesar de odiarem Maomé, não queriam que se ausentasse, de mêdo que êle fomentasse qualquer levante contra Meca. Era preciso partir às escondidas, sem ninguém saber.

Alí sacrificou-se, e segundo consta, passou a noite no leito de Maomé, envolto no seu conhecido manto verde. O profeta foi-se com Abou-Bakr, de noite, e durante três dias e três noites esconderam-se numa caverna do monte Thour, a três milhas de Meca.

Acabara-se o tempo de suportar pacientemente as perseguições, de pagarem-se as injúrias com a humildade. O Islam deve agora vencer ou morrer!

Os antigos profetas judeus vieram com os milagres e os homens levaram-nos à morte ou à irrisão. Maomé não faz milagres, nem tenciona deixar-se matar: teve que fugir após mil maus tratos e humilhações.

Jesús Cristo veiu com os milagres e as palavras divinas. Maomé virá agora com a espada. E' uma vida nova que começa, a vida de luta, a guerra santa da espada.

: — : — :

Depois de sete dias de viagem, o pequeno grupo de fugitivos aproximou-se de Yatrib. Começavam já a encontrar as grandes Kasbas das tribus suburbanas. Uma

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

parte da cidade, a tribu dos *Banou-Sahm,* com seu *Cheikh Boraida,* veiu receber e render homenagem ao profeta, com os muçulmanos alí já residentes.

Duas tribus disputavam-se a cidade e viviam em guerras contínuas. Maomé aproveitou a ocasião favorável e ligou-se com todos os seus adeptos ao partido mais pacífico, concluindo um pacto de proteção mútua. Assim reforçada, esta tribu pôde com facilidade dominar a parte adversa.

Foi no dia 16 de julho de 622 que se deu êste acontecimento destinado a exercer um papel tão importante na evolução do islam.

Os muçulmanos escolheram esta data como ponto de partida de seu calendário particular, ou era muçulmana, chamando-a *hégira* (hidjra ou fuga) e a cidade foi nomeada: *Medinat el nabi* (cidade do profeta), ou simplesmente Medina.

Alguns dias depois, chegaram, com o fiel Zeid, Aicha e Osma, as duas filhas de Abou-Bakr, e a família do profeta.

: — : — :

Instalado em Medina, Maomé aí pôde organizar detalhadamente o seu culto, ao mesmo tempo em que fundava uma sociedade civil sôbre bases inteiramente novas na Arábia, fora das concepções, até então exclusivas, de *tribu* e do *clan.* Êle foi assim simultâneamente apóstolo, legislador, político e guerreiro.

Era a realização de seu grande sonho de reformador. Desde então, êle não será mais o chefe perseguido

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

de uma minoria, um prègador discutido e muitas vêzes obrigado a se esconder. Na frente de sua tropa, que se irá aumentando dia a dia, figurará agora como chefe de estado e chefe religioso.

Tem nas mãos um poder suficiente para paralisar as dissenções de Medina e tratar dos interêsses da sua doutrina. E' a inauguração solene de um estatuto político que transforma o Islam, até aí limitado ao ensino espiritual, em *religião política*.

A sua autoridade ficou sòlidamente definida após as primeiras grandes vitórias sôbre os seus inimigos.

Tratava-se para êle de se conciliar, de um lado, com os Judeus, numerosos e influentes, e de outro, com os Árabes ainda não convertidos ao Islam.

Com os primeiros contemporizou, adaptando-se às suas práticas religiosas: jejuava nos dias prescritos pelos Judeus, rezava na direção de Jerusalém e chegou mesmo a conquistar alguns rabinos. A maioria, porém, dos Judeus lhe ficou hostil.

Em virtude de um decreto solene, encontraram-se aliados na mesma nação todos os muçulmanos emigrados de Meca, todos os convertidos de Medina, assim como todos os *Dhazraj* e *Aos* ainda pagãos e as diversas tribus judias da região, suas confederadas.

Todos deviam prestar-se mùtuamente assistência e defender conjuntamente a cidade. Os Judeus lograriam a liberdade de seu culto e o direito de proteção dos muçulmanos. Enquanto houvesse inimigos para combater, êles contribuiriam para as despesas da guerra.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Nenhuma fração poderia fazer aliança ou guerra sem o assentimento do profeta a quem seriam entregues, para soberano julgamento, tôdas as questões.

Após o entusiasmo dos primeiros dias, Maomé não deixou de encontrar algumas dificuldades em Medina. Sua chegada contrariou alguns interêsses e desfez algumas combinações.

Um certo Abdalah esperava o supremo poder e não perdoava ao profeta o tê-lo arrebatado. À sua volta se agruparam os descontentes.

A autoridade de Maomé, não obstante o seu prestígio, nem sempre era fácil de manter. Houve até brigas em meio da praça. Um dia, passando o profeta montado em seu burro, gritou-lhe Abdalah: "Afasta-te, teu burro cheira mal".

— O burro do enviado de Deus, gritou um muçulmano, cheira melhor do que tu! E agrediram-se com ramos de palmeira, socos e ponta-pés.

* *
*

O profeta não se esqueceu, entretanto, de seu plano geral. Põe momentâneamente de lado o seu programa religioso, para fortalecer o seu domínio civil. Procura cativar a simpatia de uns pela religião, e dominar os outros pela fôrça.

Os seus inimigos pessoais, os coraichitas, sentem o pêso da sua vingança, enquanto outros inimigos são atraidos pelo anzol da religião e do poder.

Ordena a construção de uma casa de oração, que deve ser a primeira *Mesquita* da nova religião, e à imi-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

tação dos cristãos da Síria, organiza a chamada *casa de oração*.

E' nesta época que dita as leis essenciais do Islam, leis ainda profundamente imbuidas de judaismo. Até aí a oração fôra aconselhada, agora se torna obrigatória. Como entre os judeus, a hora marcada é aquela na qual não se pode mais distinguir um fio preto de um branco.

O jejum rigoroso de um dia no ano, no *Yom kippous* judeu, é ampliado, à imitação dos cristãos orientais, ao mês inteiro de *Ramadan*.

A carne suina e outros alimentos, reputados impuros pelos judeus, são proibidos, assim como o uso do vinho.

A esmola é desviada do seu fim caritativo, para uma contribuição obrigatória de guerra.

O número de mulheres é limitado a quatro. O profeta forma assim uma religião nova, emprestada em parte aos judeus, aos cristãos e aos pagãos; religião nova que se lhe afigura equivalente ao judaismo e ao cristianismo.

Pensava êle que cada nação devia possuir a sua forma religiosa própria e o seu profeta. O Islam trazia aos árabes uma e outro.

Para criar uma religião nacional, era necessário ganhar a simpatia de todos os árabes; e para rever Meca, a pátria inesquecida, era urgente tomar medidas oportunas. Ora, judeus e cristãos objetavam a novidade do Islam, enquanto a religião dêles contava com a imensa lista de profetas e uma lista maior ainda de gestos admiráveis e sobrenaturais.

Maomé queria providenciar e afastar a objeção, mas com a sua ignorância da religião bíblica, chegou a

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

identificar Maria, irmã de Moisés, com Maria Mãe de Jesús; e aprendendo que Abraão era pai de Ismael, antepassado dos árabes, tira a conclusão de êste não ser nem judeu, nem cristão, mas árabe.

Para resolver tôdas as dificuldades e conciliar tôdas as posições, resolveu dar-se como continuador de Abraão. A nova religião seria dêste modo a religião nacional dos árabes, como o judaismo era a religião dos judeus e o cristianismo a religião dos cristãos.

Para alcançar isto, tornava-se necessário estabelecer uma ligação entre Abraão e a Caaba de Meca. Maomé, não recuou diante dêste novo projeto.

A Caaba, com a sua pedra e seus ídolos devia tornar-se o santuário do Islam. E' para ela, e não mais para Jerusalém, que os muçulmanos tornariam a face, em fazendo as suas orações. A peregrinação, aconselhada no princípio, seria imposta mais tarde.

† Livros Católicos para Download

CAPÍTULO VII

O GUERREIRO TREMENDO

Maomé entrou na nova fase da sua vida: a de guerreiro. Como êle mesmo repetia: *O paraíso fica à sombra das espadas! E' Mártir aquêle que dá a sua vida por outra coisa que não a fortuna!*

O profeta tinha sua ambição: queria dominar, e esta ambição ia-se desenvolvendo à medida em que subia no poder.

Até esta data êle mostrou um zêlo sincero no seu projeto de purificar o culto nacional, recomendando constantemente a tolerância, como usam os fracos. Mas hoje, êle sente-se forte, e pretende tornar-se mais forte, para melhor espalhar a sua religião. Quer estabelecer o reino de Deus, pela fôrça.

Daí os novos ensinamentos, as novas revelações de São Gabriel, para conseguir esta meta. O Arcanjo lhe havia dito numa visão:

A chave do paraíso é a espada!

Uma gôta de sangue derramada pela causa de Deus, uma noite passada sob as armas, a céu aberto, têm mais merecimento do que dois mêses de jejum e oração.

Os pecados do que morre em combate lhe são perdoados, e as suas feridas exalam um perfume de âmbar.

Não acrediteis que aquêles que morreram combatendo no caminho de Deus estejam mortos; êles vivem junto a Deus e dêle recebem alimento! (Alcorão, III, 163).

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A partir da *hégira,* ou instalação em Medina, onde Maomé era o chefe civil, militar e religioso, a guerra estava virtualmente declarada entre a cidade dos idólatras (Meca) e a cidade do Profeta (Medina).

A guerra se lhe afigurava agora, o único meio de salvar o Islam; era uma questão de vida ou de morte.

Se os Coraichitas, num ataque a Medina, saissem vitoriosos, tudo estaria perdido. Era preciso aos muçulmanos *matas e serem mortos,* combater os que os tinham expulsado de seus lares injustamente, apenas por terem dito: nosso Deus é Alah.

Morrer no caminho de Deus, era padecer o martírio, repetia Maomé aos vacilantes.

Os Coraichitas e as tribus da Arábia, unidos aos próprios judeus de Medina iam-se coligar contra o Islam, cujas probabilidades de êxito pareciam bem incertas.

O Alcorão vai tornar-se agora, não sòmente código religioso, mas um clarim de guerra, exortando os fiéis à coragem, um compêndio das ordens do dia de seu chefe. Será o estímulo dos fracos, dará convicção aos indecisos, denunciará os hipócritas, derrotistas, prometerá aos mártires as calmas suaves do paraíso.

Deus comprou aos crentes os bens e pessoas, para DAR-LHES EM TROCA O PARAÍSO, repetia Maomé para excitar os seus soldados a sacrificar tudo para o triunfo do Islam. E' a teoria da guerra santa, ou *jihad,* que toma corpo no Alcorão e no espírito do profeta.

As revelações sucessivas sempre atribuidas a S. Gabriel, fragmentárias e desordenadas, falam do *jihad,* dizem respeito aos sucessos contemporâneos, à atitude

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

que nas lutas devem manter os muçulmanos, segundo as circunstâncias cambiantes.

Os interêsses materiais misturam-se aos da fé, e muitas vêzes, na prática, os sobrepujam. O *jihad*, de simples meio que era, torna-se um fim, e o espiritual é sacrificado ao temporal, às vêzes, de maneira inteiramente escandalosa.

A guerra é, antes de tudo, uma oportunidade para rendosas extorsões. Encontrando alguém no decorrer de uma expedição, matavam-no sem procurar saber quem era, e depois, para se desculparem, diziam-no *infiel*.

E' certo que o Alcorão estigmatizava semelhante procedimento, porém, parece que Maomé fica muitas vêzes em contradição com São Gabriel, ou melhor consigo mesmo, permitindo em prática o que proibiu em teoria: era a adaptação às circunstâncias, como êle soube fazer sempre, no decorrer da sua vida. Como legislador, julgava-se superior à lei e fora de suas exigências.

E' certo que tôda a culpa não pesa sôbre Maomé. Êle não podia modificar radical e instantâneamente o caráter de seu povo: parece ter-se esforçado por fazê-lo e até corrigir-se a si mesmo, pois tinha um certo pendor vingativo.

O saque era o resultado normal de tôda a luta entre árabes, e uma espécie de indústria nacional. O profeta permitiu-o aos seus, *em consequência da sua fraqueza*, como êle disse.

Muitos dos seus enriqueceram-se depois de prodigiosas conquistas. Os grandes discípulos acumularam fortunas consideráveis, roubando os tesouros dos ricos.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Maomé organizou nos dez primeiros anos de seu govêrno umas 40 expedições, tomando pessoalmente parte em cêrca de 30 campanhas e comandando uma dezena de batalhas, sem falar das difíceis negociações que teve de orientar.

Para tais expedições na Arábia, são exigidas qualidades de constância, de diplomacia, de energia e de habilidade raras; apesar disso, sente-se ainda o chefe incessantemente ameaçado, sem ter outra base além da instável adesão da população. E nesta arte difícil e exaustiva, Maomé foi extraordinário.

Desde que chegou a Medina, começou a preparar a guerra. As circunstâncias de rivalidades já citadas, punham bruscamente um exército à sua disposição. Os emigrados de Meca, onde os seus bens tinham sido confiscados e as suas casas vendidas, não desejam senão tomar uma desforra.

Os *Ançar* de Medina tinham jurado seguir o profeta aos combates.

Alguns mêses após a sua chegada, Maomé organizou diferentes expedições. A primeira foi confiada a seu tio *Hamza;* uma outra a *Obaida*.

Pouco tempo depois, o próprio Maomé pôs-se à frente de 200 homens, em Bowat, onde esperou, em vão, uma caravana, que lhe escapou.

Em seguida, dirigiu-se para Ochaia, onde pretendia surpreender a grande caravana de inverno que Meca enviava, todos os anos, à Síria. O perigo era considerável.

Esta caravana era uma das mais importantes que desde há muito tempo se haviam enviado, comportando

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

1000 camelos e uma escolta de 50 guerreiros. Trazia um milhão de mercadorias.

O profeta não foi feliz. A presa escapou-lhe e êle regressou, sem nada ter alcançado.

: — : — :

Começou o *Rajab*, mês sagrado, durante o qual são suspensas tôdas as hostilidades.

O povo de Thaif acabava de fazer a sua colheita de frutas e de secar as uvas que exportavam anualmente.

Maomé quis aproveitar a ocasião para se vingar. Mandou uma tropa esconder-se num bosque vizinho da estrada onde deviam passar.

Aparecendo a caravana, os muçulmanos sairam do esconderijo, galgaram as encostas da colina, saltaram de rocha em rocha e lançaram-se sôbre os mercadores, matando uns e fazendo os outros presos. Os restantes fugiram, abandonando animais e mercadorias nas mãos dos muçulmanos, que dividiram entre sí os ricos despojos, reservando a quinta parte para o profeta, e retomaram apressadamente o caminho de Medina.

O escândalo foi imenso. A trégua santa fôra violada. Houve reclamações de tôdas as partes... mas o profeta, a cujo serviço estava São Gabriel, para desculpar tôdas as demandas, trouxe-lhes uma nova revelação que dizia:

E' verdade que fazer a guerra durante os mêses sagrados é um crime.

Mas combater Deus, persistir na idolatria, impedir ao servidor de Deus o acesso à Caaba, expulsá-lo de sua pátria, a êle e à sua família, é um crime maior ainda.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O profeta combate os incrédulos e ímpios, trata-os com rigor, o inferno será a sua habitação horrenda.

O' crentes, combatei os vossos vizinhos infiéis, sêde seus implacáveis inimigos.

Deus comprou a vida e os bens dos fiéis, e o paraíso é o seu preço.

Combatei os infiéis e matai-os.

As promessas do Pentateuco, do Evangelho e do Alcorão serão cumpridas, porque quem mais do que Deus é fiel à sua aliança?

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO VIII

A GRANDE BATALHA DE BADR

Em dezembro dêste ano, a famosa caravana dos mercantes de Meca, sob as ordens de *Abon Sofian*, regressava da Síria, carregada de mercadorias de muito valor.

Num instante, Maomé pôs o seu exército em pé de guerra. Era composto de 240 *ançares* e perto de 100 soldados de outros lugares, com uns 70 camelos. Ao todo uns 400 homens.

Tomaram a direção de Badr, vale onde o caminho de Medina cruza com a grande estrada das caravanas, que vai da Síria a Meca.

Os Coraichitas haviam sido prevenidos da resolução de Maomé de atacá-los em caminho, e pediram auxílio urgente a Meca. De lá se levantou incontinenti um exército de 1000 homens, 700 camelos e 200 cavalos.

As fôrças muçulmanas postaram-se no vale de Badr, nas vertentes norte e este, opostas à direção de Meca. Os que possuiam montada estavam armados de lanças e sabre e os de infantaria com arcos e flexas.

Abon Sofian, o chefe da caravana, avisado por dois espiões, desviou-se do caminho acostumado e foi mais a oeste, pelas dunas do mar.

A preciosa caravana escapara-se das garras do profeta, porém os Coraichitas, sabendo da inferioridade dos muçulmanos, resolveram dar-lhes combate.

Contornaram a colina... e apareceram com tôda a sua fôrça diante dos olhos do profeta.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

As tropas de Maomé estavam na esperança de um triunfo fácil e rendoso sôbre uma caravana debilmente protegida, mas achando-se agora em presença de um inimigo numèricamente mais forte, sentiram-se desfalecidos e sem coragem para iniciar uma luta.

O ardor do profeta encorajou-os, prometendo-lhes a vitória, em nome de Deus.

Era, de resto, muito tarde para recusar.

A batalha começou encarniçada.

Os arqueiros crivaram de flechas todos aquêles que puderam alcançar.

Era meio dia e o sol dardejava milhões de flechas ardentes, que pareciam cruzar-se com as flechas dos muçulmanos.

Gritos subiam por entre nuvens de poeira, e errava no ar um acre cheiro de sangue.

Maomé desmaiou e caiu rígido ao chão, o rosto em suores. Finalmente veio a si e exclamou:

Alegrai-vos! Alegrai-vos!

São Gabriel lhe havia mandado uma mensagem:

Alegrai-vos, disse êle, *o socôrro de Deus está convosco. Tu estás na sombra, enquanto teus companheiros combatem.*

Maomé montou a cavalo e desceu com sua guarda, gritando aos combatentes:

Combatei sem temer! O paraíso está à sombra das espadas! Combatei os infiéis e matai-os!

: — : — :

Foi então que se decidiu a sorte da batalha e do Islam.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A balança do destino vacilou um instante e inclinou-se para o lado de Maomé.

O dia avançava. Por entre o rumor das lanças, o sibilar das flechas e os gritos dos feridos, ouvia-se a voz do profeta: *Combatei sem nada temer — Matai os infiéis — os inimigos de Alah!*

E os muçulmanos, num brado selvagem, a gritar: *Mahomet, Rasoul, Alah!* Maomé é o profeta de Deus!

Os Coraichitas tinham perdido muita gente e embora possuissem ainda a vantagem numérica, sentiam-se desanimados, hesitaram... recuaram.

Começam a fugir... é a derrota... Abandonam os escudos, as armas, as couraças, para correrem mais depressa e retardarem a perseguição.

Um dos muçulmanos encontra um chefe coraichita ferido, Abou Jahl, corta-lhe a cabeça e a leva ao profeta.

Não há senão um Deus, disse êste, prostrando-se para lhe render graças. *Êste homem era o Faraó da nossa pátria e foi punido como todos os inimigos de Deus!*

O filho de Abou Bakr, Abderaman, que permanecera pagão, fugiu quando seu pai o avistou e lhe perguntou, de longe, o que fôra feito de seus bens, em Meca: Restam apenas, respondeu o filho insolentemente, flechas, arcos e um sabre para acabar com a imprudência da velhice!

A perseguição aos fugitivos continuava, bem como a procura dos despojos abandonados.

Esta memorável jornada de Badr, em que os sectários de Maomé, partindo com o intuito vulgar de fácil rapinagem, se tinham por alguns momentos elevado ao

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

sublime heroismo, foi infelizmente manchada, no fim, pela cupidez e por excessos de nascente fanatismo.

Jaziam no campo centenas de cadáveres.

Os muçulmanos lançaram os corpos de seus inimigos num velho poço. Além disso, insultaram-nos grosseiramente, e ninguém quis cobrí-los de terra.

Alguns dêstes muçulmanos tinham seus próprios pais entre os mortos.

No terceiro dia, enfim, Maomé aproximou-se da medonha fossa e começou um trágico discurso a êstes cadáveres, que, segundo dizia, o ouviam tão bem como os vivos:

O' mortos! achastes vós o que vossos ídolos vos prometiam?
Quanto a nós, achamos o que nosso Alah nos prometeu!
Que maus compatriotas haveis sido para com o vosso profeta!
Vós me chamastes mentiroso, ao passo que outros acreditaram em mim!
Vós me expulsastes e outros me recolheram!
Vós me guerreastes e outros me ajudaram!
Vós merecestes o inferno e nós o paraíso!

Para terminar o grande triunfo de Maomé, houve dansas selvagens, bebedeiras, músicas e cantos pelos poetas de Medina. Um dêles cantava:

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Firo com a minha lança,
Até que ela se curve,
Meu sabre dá de mamar à morte,
Sangue em abundância,
Assim como uma camela
Que deixa correr seu leite!

O Exército muçulmano acampou por três dias no lugar da batalha, a fim de resolver as graves questões dos prisioneiros e dos despojos.

Omar aconselhava a morte de todos os cativos; Abou Bakr a sua entrega mediante resgate.

Êste foi o partido que tomaram.

Passando do entusiasmo às contingências econômicas, quase chegaram a brigar por causa da partilha dos despojos.

A esplêndida caravana de Abon Sofian escapara, mas, em compensação, tinha sido retirada grande quantidade de armas e camelos, sem falar do dinheiro que produziram os cativos.

Como repartir tudo isso?

A disputa foi violenta entre os três partidos. Maomé decidiu afinal que tudo pertencia a Alah, e a seu Enviado, e que êste procederia à distribuição conforme São Gabriel lhe mandasse, em mensagem.

: — : — :

A questão dos despojos era importante, pois no futuro deveriam apresentar-se muitas semelhantes. Era necessário resolvê-la de maneira precisa.

Felizmente, São Gabriel trouxe uma revelação ao profeta:

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Deus ordena, disse êle, *que a quinta parte fique reservada para o profeta, para êle dispor dela segundo as suas necessidades, pela sua família, entre os pobres, os órfãos, os viajantes e a guerra santa!*

Estava tudo resolvido. O anjo Gabriel, como servo humilde e fiel do profeta lhe revelava sempre o que desejava!

Zeid levara a Medina a notícia da vitória. Logo partiram os jovens tamborilando os seus "defs" e cantarolando:

Alah il Alah, Mahomet Rasoul Alah!
Deus é Deus e Maomé é o seu profeta!

A vitória de Badr inaugurou uma série de vitórias que devia mudar a face do mundo.

Nesse mesmo ano os muçulmanos tiveram ainda ocasião de se regozijarem com a desforra dos cristãos gregos sôbre os persas idólatras.

Pela instalação de Maomé em Medina, começou o govêrno muçulmano. Pela vitória de Badr, começou a época de conquista do Islamismo na Ásia e depois no mundo inteiro.

O fanatismo é comunicativo... é uma centelha, um raio, e êste raio aceso por Maomé, ia inflamar os seus sucessores, e fazer dêles os conquistadores do mundo pagão, até se quebrarem suas fôrças contra os exércitos cristãos dos Francos de Carlos Martel, dos polacos de Sobieski e dos marinheiros de Montfort, em Lepanto.

; — ; — ;

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO IX

A GRANDE DERROTA DE OHOD

A vitória de Badr robusteceu singularmente a autoridade de Maomé. A oposição, porém, não desapareceu. Agora, o profeta julgou-se bastante forte para se desembaraçar dos inimigos mais perigosos.

Uma poetisa judia, Asma, que havia feito versos contra o profeta, foi, uma noite assassinada em meio de seus filhos, por ordem de Maomé.

O velho Abou Afak, com 120 anos de idade pagou com a vida a oposição à nova concepção muçulmana.

Os judeus de Medina não apreciavam os gestos do profeta, e recusaram abraçar a nova religião. Foram cercados em seu bairro, e Maomé, querendo dar um exemplo de castigo, ordenou que os amarrassem e lhes decepassem a cabeça.

Um judeu rico de Medina, Kaf ben Achraf, tendo censurado o profeta, êste ordenou que o apunhalassem em pleno coração.

Outro judeu rico, Abou Rafi, habitante de um castelo vizinho, havia excitado os judeus contra o profeta. Êste mandou estrangulá-lo na própria cama, enquanto dormia.

Nestas ocasiões Maomé, que sempre havia prègado o perdão, a paciência, o respeito à vida e aos bens alheios, parece não sentir mais nenhum remorso. Tudo lhe serve e tudo lhe é permitido para alcançar o fim: dominar a Arábia inteira e sujeitar todo o país à sua religião e dominação.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Os muçulmanos chegaram a tal ponto de obsessão pelos ensinamentos de seu profeta, e identificavam de tal forma os seus interêsses com os de Deus, que nenhum dêles sentia o menor escrúpulo em cometer os maiores crimes, em prol da seita.

Diversos atritos individuais tiveram lugar após êstes assassinatos.

A um muçulmano que matara um judeu, seu benfeitor, seu irmão, ainda idólatra, recriminou esta ingratidão.

— O pão que êle te deu ainda está no teu ventre.

— Por Alah! se Maomé, que me mandou matar a êste homem, me dissesse para te matar a ti, meu irmão, eu o faria.

Impressionado com semelhante entusiasmo, o irmão tornou-se imediatamente muçulmano.

Estranho método de apologia!

* *
*

Enquanto o profeta executava dêste modo a sua vingança, fazendo assassinar os seus desafetos, os Coraichitas reuniam-se e resolviam tirar uma desforra da vergonhosa derrota de Badr.

Reuniram um exército de 3.000 guerreiros, dentre os quais 200 possuiam fogosos cavalos, e 700 outros eram equipados com cotas de malha ou couraças de pele de leopardo. Sob as ordens de Abon Sofian avançaram sôbre Medina.

Conquanto Maomé só tivesse consigo 1.000 homens, quis enfrentar o inimigo. Armado, de lança em

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

punho, espada ao lado e escudo pendente do ombro, passou em revista o exército e levou-o a uma pequena distância da cidade, no monte Ohod.

Mandou colocar 50 arqueiros numa garganta, afim de evitar surpresas pela retaguarda, com a ordem de não se arredarem dalí. Êle possuia uma espada na qual estava escrito: "A covardia não salva do destino".

Os Coraichitas chegaram, trazendo um ídolo numa urna sôbre um camelo. Em redor dêste ídolo quinze mulheres rufavam tambores e cantavam selvagens melopéias para encorajar os guerreiros:

Nós as filhas da estrêla da manhã...
Caminhamos sôbre delicados tapetes
Nossos cabelos perfumados de almíscar:
Se avançardes heròicamente, nós vos beijaremos
Se fugirdes nós vos repeliremos vergonhosamente!

Assim cantavam na retaguarda as Coraichitas, enquanto outras gritavam aos homens:

Avante! matai sem piedade,
Não poupeis a ninguém!
Que vossos sabres sejam cortantes!
E os vossos corações inflexíveis!

Nas grandes guerras, os Árabes levavam as mulheres à batalha, porque os seus cantos e gritos levantavam os ânimos e a sua presença levava os homens a combater até à morte. Quando tal acontece é sinal de que irão até aos extremos.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Maomé compreendeu o perigo, e brandindo a espada gritou a seus guerreiros:

Deus está conosco,
Matai aos infiéis!
Não escape nenhum!
A vitória é nossa
A vitória é de Alah!

O arranco de ambos os lados foi tremendo.

Os Coraichitas crivavam de flechas as primeiras linhas muçulmanas, enquanto os cavaleiros experimentavam atacá-las pelo flanco.

O ataque violento dos muçulmanos abriu larga brecha nas fôrças dos idólatras. Era uma verdadeira tempestade de gritos, flechas, pedras e poeira!...

No meio da luta, a cavalaria mequense irrompeu, de repente, pela colina, sôbre a retaguarda dos muçulmanos, em cujas fileiras, então, se produziu uma inexprimível confusão: os primeiros atiraram-se aos últimos, e vários mataram-se mútuamente por engano.

O porta-estandarte muçulmano agita a bandeira do profeta, mas um mequense corta-lhe a mão direita. Êle agarra-a com a mão esquerda, esta fica decepada no mesmo instante e o estandarte cái ao chão. Deixa-se cair sôbre êle para cobrí-lo com seu corpo gritando: — *Terei cumprido o meu dever?* E morreu.

A situação agrava-se para os muçulmanos, dominados pelo número. O pânico apodera-se dêles e começam a fugir, deixando o vale coberto de cadáveres e de feridos. O próprio profeta foi obrigado a fugir e a custo salvou-se com vida.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Foi atingido no rosto por uma pedra com tanta violência que o fez cair com um lábio fendido. Limpando com um pano de seu manto o sangue que corria, Maomé suspirou e disse:

Como pode haver gente bastante obstinada para fazer correr o sangue do profeta que os chama para Deus! . . .

Uma ponta de flecha atingira-o também na face, e causava-lhe grande sofrimento. Ao fugir com os seus, a pesada armadura que o livrara da morte embaraçava-lhe os movimentos e fê-lo tombar num valado.

Os companheiros levantaram-no e o carregaram para a cidade.

A batalha findara. Os Coraichitas, saciando o seu ódio, trucidaram e roubaram os cadáveres, enquanto as mulheres cortavam-lhes as orelhas e os narizes para fazerem colares.

Nessa noite, os que restavam do exército muçulmano, exaustos de fadiga, sentiram uma angústia imensa apoderar-se dêles, pois, além da vergonha da derrota, nada se sabia acêrca das intenções do vencedor.

* *
*

Ficou um tanto abalada a fé no profeta, mas Maomé não se deu por vencido e soube levantar a moral e a coragem de suas tropas.

Na noite seguinte São Gabriel trouxe nova revelação para salvar a situação. Deus lhe disse:

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

E' nossa vontade variar os sucessos,
para que Deus conheça os crentes,
e escolha entre vós os seus mártires.
O' crentes, se dais ouvidos aos infiéis,
Êle vos arrastarão ao êrro e morrereis.

Após a derrota de Ohod, os inimigos do profeta levantaram de novo a cabeça, dizendo que tal insucesso era uma prova de incapacidade de Maomé.

Se Badr era uma espécie de prova da assistência divina, Ohod era uma prova de que Maomé não era um profeta.

Êste redobrou pois, de atividade, e afim de realçar a sua missão e a sua capacidade, resolveu não dar trégua ao inimigo nem às suas tropas.

Deu início à organização de corpos de cavalaria, formou regimentos de lanceiros, de fundibulários, de sagitíferos, etc.

Logo depois, novo desastre veiu perturbar-lhe a paz. A traição de um político indignou Abon-Barra e causou um desastre nas tropas do profeta. Pediu êste auxílio aos Medinenses, que o ajudaram a combater os seus inimigos e foram massacrados traiçoeiramente junto aos poços de Bis-Maonna.

O número de mortos foi maior que em Badr, e quase tanto que em Ohod. Além disso, o prestígio do profeta ficou abalado entre as tribus beduinas.

O profeta ficou muito triste e queixou-se amargamente dos traidores.

Uma guerra mais atroz se estava esboçando... Os Coraichitas aliaram-se aos judeus e aos beduinos: tal coligação era capaz de dar um golpe mortal sôbre o Islam.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Maomé reuniu os seus homens e disse-lhes então:
Deus é o vosso protetor!
Êle se serviu dos vossos inimigos
para vos pôr em fuga e experimentar-vos
Não escutastes a voz do profeta
que vos chamou ao combate,
e *Deus castigou a desobediência.*

Estas palavras reanimaram os muçulmanos e os prepararam para novas expedições.

No dia seguinte Maomé, suspeitando novo ataque da parte dos Coraichitas, dirigiu-se com suas tropas para o lado de Meca, encontrando, de fato o exército adverso. Deu provas de coragem. Não obstante seus ferimentos, cheio de audácia, ameaçou enfrentar os inimigos.

Em caminho, para iludir os inimigos e fazer acreditar que estava se preparando para a luta, deteve-se quatro dias num acampamento, acendendo, à noite, fogueiras, para significar que não renunciava.

O inimigo que não pretendia abrir nova luta, tomou enfim, o caminho de Meca e o profeta regressou a Medina.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO X

ESTRATÉGIA E CRUELDADE

Faltaria uma parte importante no julgamento global da vida do nosso herói, se omitíssemos o assunto acima.

De fato, faz de sua personalidade o caráter guerreiro que êle foi.

Não fôsse Maomé pessoa de um gênio todo particular, apresentando qualidades contraditórias, em si, e não teríamos de considerá-lo neste aspecto.

Dir-se-ia que o homem sensual e mole dos haréns, de vida pecaminosa e viciada, não apresentaria aspectos másculos e consistentes, próprios de indomável guerreiro.

Dir-se-ia não quadrar com um chefe de facção religiosa o emprêgo de métodos violentos, quando a crença devia ser feita tôda de doçura e caridade.

Mas, como aquêles imperadores de Roma, tanto era o seu vício e sua superstição, cheia de extravagâncias pagãs e ritos truncados do cristianismo, como sua audácia e impassibilidade nos perigos.

Beduino dos desertos e vastidões sem fim, desde cêdo, se acostumara ao imprevisto dos assaltos, à fereza dum assalto à espada nua, ao embate em pleno campo aberto, e à defesa renhida e mortal das caravanas árabes. Massacrar inimigos sem o mínimo remorso, decapitá-los como animais de açougue, pisar-lhes os corpos ensanguentados sob cascos dos camelos, comoviam-no

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

tanto como o impressionavam suas proezas de amor no interior dos haréns.

Seu lema sagrado: "crê ou morre, conquistaremos o céu à sombra das espadas" demonstra muito bem a mentalidade buliçosa e belicosa do falso profeta.

Como vimos pelos últimos capítulos, êle se sobressaía pela audácia, o sangue frio e por um otimismo dominador, capaz de arrastar verdadeiras multidões após sí.

Quando os acontecimentos se precipitavam, de modo a causar apreensões para as suas aguerridas hostes, trazendo quase desânimo aos seus exaltados partidários, o chefe lhes falava que Deus os via e protegia, que nada tinham a temer e que a vitória estava mais perto do que poderiam pensar.

Não se imagine Maomé um habilidoso general, possuidor invejável de segredos militares extraordinários. De certo, não possuia os dotes estratégicos marcantes dos grandes condutores militares da história. Seria ingenuidade compará-lo a Alexandre, Napoleão, Anibal, César e outros grandes comandantes de legiões romanas.

Mas, como êles, e talvez mais do que êles, era dotado de uma incrível fome e sêde de domínio, uma compenetração ilimitada de sua capacidade dominadora, e sabia como aquêles, em arroubos poéticos e brados eletrizantes, impulsionar vivamente enormes tropas fanatizadas, prontas a obedecer-lhe a um só aceno de voz e a um gesto altivo de seus braços.

Expedições arriscadíssimas, aventuras lendárias, incursões perigosas, assaltos à mão armada, saques repetidos, vinganças executadas com o maior sangue frio, de-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

fesas heróicas, fugas precipitadas, — de tantas coisas foi êle pioneiro e de tudo saiu ileso, às vêzes, com poucos ferimentos.

Pode-se, sem receio de êrro, afirmar que possuia em alto grau o dom de sugestionar e excitar a simpatia e a confiança nos seus subordinados, de modo a ser obedecido e lograr resultado nas arremetidas em que se expunha conjuntamente com os seus, em prol de uma causa que dizia sagrada e intangível.

O exército muçulmano se constituiu, sob o contrôle de Maomé, um flagelo terrível. No combate aos judeus, veiu a ser um verdadeiro espantalho. Expressões como esta: "Maomé! E' êle! E' Maomé e seu exército!", referem os historiadores, eram uma denúncia de fuga. Não haverá clemência: fugiremos ou seremos decapitados. Eram os brados de desespêro dos surpreendidos por êle e por seu exército.

Nada teria conseguido, podemos afirmar, não fôsse êle possuidor de predicados próprios de grandes capitães guerreiros.

Se aconselhou aos crentes a lealdade, não deixou de desmentir esta recomendação, fazendo-se traidor e acostumando-se aos recursos ilusionistas e indignos de uma pessoa reta. Mesmo por tal expediente é que lhe sorriram muitas vitórias.

Certa vez anunciou aos Coraichitas que iria até êles em peregrinação, de feição religiosa, e não como inimigo. Resultou disso a derrota, o aprisionamento e o massacre de todos êles, colhidos inesperadamente.

O prestígio do profeta santifica, perante os seus correligionários, suas mais abomináveis e absurdas cha-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

cinas. A palavra do profeta se transformara em porta aberta a tudo. E o seu pensamento, seu desejo, mesmo que fôsse manifesto crime, adquiria para logo foros de revelação profética, que era forçoso executar.

E êste apaixonamento extremo pela causa esposada pelo célebre árabe, aliado à influência duma mística religiosa deturpada, que êle soubera muito bem difundir, como preparação de terreno, no meio do povo, nos pode explicar seu segrêdo de vitória e de luta.

Sua vida sensual, sua atração acentuada pelas mulheres, ares efeminados, sua vaidade exagerada, sua desmedida soberba, nenhum dêstes graves defeitos chegou a empanar sèriamente o valor inegualável de Maomé.

"Nós te juramos fidelidade, a ti e ao Islam, ó Maomé, para sempre, enquanto formos vivos".

Expressões como esta, servem para nos dizer a solidariedade dos árabes fanatizados do grande chefe.

Digam o que quiserem, teve êle dotes de coragem, de audácia e perspicácia, qualidades que explorou para conseguir seus intentos.

Condenáveis que são tôdas as suas tramas, conquistas guerreiras e lutas partidárias, nem por isso deixamos de reconhecer aquêles predicados da personalidade de Maomé, para o juizo integral da pessoa.

Concomitantemente com a sua habilidade combativa, andava sua crueldade. Deve-se, entretanto, ver ainda aquí manifestações de alguma bondade e algum desejo de perdoar em certas ocasiões.

Não tinha, porém, limites sua insaciável sêde de desforra completa, em que agia cruel e impiedosamente. O massacre, a morte bárbara dos prisioneiros, pelos mé-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

todos desumanos, a repartição de seus despojos, sem atender a rogos de inocentes e mulheres, transformaram-no em um fantasma negro e temeroso, para quem as traições e tocaias, eram um costumeiro recurso para alcançar o triunfo almejado.

Se no Alcorão, deixara expressos preceitos de perdão e misericórdia, no seu furor aos rabinos e aos desafetos, foi verdadeiramente implacável. Herdaram-lhe o espírito os árabes maometanos, na expansão sanguinária de sua doutrina, pondo, por muitos séculos, em polvorosa, todo o ocidente e o oriente, no tempo das cruzadas.

"Tendes de escolher entre a rendição completa e a guerra mais bárbara". Era, como se vê, um totalitário, ambicioso, cheio de si e um poço de orgulho.

Foi com esta arma indigna que ordenou em sua lei — "combatei os incrédulos, combatei-os até à morte".

Temperamento "sui-generis", Maomé entrou na História pela porta da superstição e da violência. Lançou mão dos sinais distintivos de sua raça, para alcançar o fim que se propôs — impor o Islam. Não recuou diante de nada.

Quando a morte o surpreendeu, sua ideologia dominava tôda a Arábia. Era a vitória de sua estratégia e de sua crueldade.

• — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XI

A VIDA SENSUÁL DE MAOMÉ

No comêço da sua carreira, Maomé era o reformador do paganismo de seus patrícios. Tendo sido bem sucedido nesta empresa, tornou-se legislador e chefe civil, setor em que brilhou com incontestável valor. Organizando seu exército, de pilhagem no início e de conquistas depois, tornou-se o guerreiro valente e avassalador. Ainda aqui, é um homem superior, que mostra uma coragem e uma perspicácia acima do comum.

Absorvido nestas empresas de grande alcance, o profeta vivia na fidelidade à sua espôsa Khadidja, sem que a história citasse escândalos notáveis de incontinência em seu proceder. Levado, porém, ao pináculo da glória e do poder, e deixando para seus auxiliares a parte ativa da guerra e das conquistas, Maomé recai sôbre si mesmo, e mostra aos seus próprios correligionários e ao mundo inteiro, o que era no fundo de seu temperamento irrequieto: um sensual e um efeminado, envolto no manto da mais negra hipocrisia e do mais deslavado cinismo. Parece um outro Maomé, ou pelo menos, um Maomé degenerado...

E' a página triste e sombria desta vida de grande homem; página berrante de aviltamento moral.

Parece que uma tremenda sensualidade, recalcada até então, apoderou-se dêle e o lançou na vida mais vergonhosa para um grande homem.

Desde a sua chegada a Medina, Maomé havia organizado um lar, semelhante aos dos saids árabes. Tal,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

como os outros chefes, fêz vários casamentos de amor ou de política, e não se privou, além disso, de algumas concubinas, belas escravas que lhe tinham sido dadas de presente ou que eram cativas de guerra.

Depois da morte de Khadidja, sua primeira espôsa, que êle respeitara sempre durante 20 anos, embora mais velha do que êle, caíu Maomé num verdadeiro marasmo de volúpia e de mania de casamentos! Desposou Saioda, viúva de Sokarn, porque a sua primeira amante, a menina *Aicha,* filha de Abou-Bakr, casada com êle aos nove anos, não era de idade núbil. Casou também com *Hafça,* filha de Omar. Mais tarde enamorou-se de Om-Selma, viúva de um emigrado da Abissínia, etc.

Tudo isso era já fora da lei, ditada por êle, mas pelo menos era ainda conforme à lei pagã dos árabes, que admitiam a poligamia — porém há fatos mais graves que destoam de tôda lei e de todos os costumes, até dos árabes pagãos.

Maomé tinha um filho adotivo a quem muito amava, *Zeid,* (o bem amado do profeta) o qual era casado com *Zeinab,* a mais bela moça de sua tribu.

Esta beleza foi um objeto de tentação para o profeta.

Zeid descobriu furtivamente o novo namôro do seu benfeitor, e para evitar violências ou talvez a morte, resolveu transformar a necessidade em virtude, e apesar do grande amor que tinha a sua única espôsa, resolveu repudiá-la para evitar de contrariar o seu mestre e permitir-lhe que a desposasse.

Comunicou a sua resolução a Maomé, e fez o repúdio legal. Transcorrido o tempo, a bela Zeinab fê-lo sa-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ber a Maomé. Êste desejava tê-la por espôsa, porém envergonhou-se, porque a lei proibia a união com a mulher de um filho adotivo...

O profeta logo afastou o impedimento. No dia seguinte êle comunicou ao povo e à sua nova namorada que São Gabriel lhe havia transmitido uma revelação: *Pode o profeta de Deus casar-se com qualquer mulher, fôsse ela até a sua própria filha adotiva, pois um filho adotivo não tem os direitos de um filho natural.* (Cop. XXXIII — § 73. Os conjurados.).

O banquete das núpcias foi grande: comeu-se e bebeu-se dia e noite — mas também o escândalo não foi menor e suscitou amargas observações, no meio de seus inimigos e amigos.

* *
*

Uma nova revelação irá desta vez tirar do embaraço o profeta libidinoso.

Alguns homens, pouco acostumados com a vida efeminada do profeta, ficaram a noite inteira a beber na casa da nova espôsa. O profeta ficou nervoso. Queria visitar a sua nova companheira, mas êstes visitantes importunos o retinham longe dela. Resolveu, entretanto, seu aborrecimento, e com calma mandou dizer aos visitantes que se retirassem.

No dia seguinte, nova mensagem para o profeta, chamada o versículo da *cortina*. Disse a revelação:

"O' crentes, não entreis sem permissão nas casas do profeta. Quando fordes convidados a entrar, e quando tiverdes comido, retirai-vos e não vos empenheis fa-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

miliarmente em conversas. O Profeta não ousa vo-lo dizer, quando isso o contraria, mas Deus não teme dizer a verdade. Se quereis pedir alguma coisa às suas mulheres, pedí-a através de uma cortina, assim se conservarão puros os vossos corações e os delas. Evitai desgostos ao enviado de Deus. Não desposeis nunca as mulheres com as quais êle tiver tido comércio!"

As espôsas do profeta eram "as mães dos crentes". Não deviam casar-se após a sua morte. *O harém* do profeta devia ser uma espécie de família sagrada, devota e voluptuosa.

* *
*

Pouco depois de seu casamento com Zeinab, Maomé mandou seu exército atacar os *Banou Bakr*. Após a vitória, as tropas regressavam com os despojos e o *Cheik*, inimigo preso.

A luta havia sido encarniçada e horripilante pela voluptuosidade dos muçulmanos, que violavam tôdas as mulheres prisioneiras, e passaram a noite em orgias sem nome.

A filha do *Cheik, Jou Waria*, cativa, foi implorar a clemência do profeta em favor de seu pai. Maomé ao ver surgir esta bela beduina, cuja doçura e graça eram excepcionais, sentiu-se desvanecido por um ataque amoroso. Quis casar-se com a nova prisioneira, custasse o que custasse.

Houve novo escândalo... vieram-se às armas, mas logo, o profeta recebeu nova mensagem do céu, que lhe

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

disse: *O profeta deve casar com a beduína, para assim selar, com um pacto de amizade, a paz entre os vencidos e os vencedores.*

* *
*

Aicha, a pequena espôsa preferida de Maomé, havia acompanhado um dia o profeta numa das expedições armadas, carregada por um camelo em rica liteira. Tendo saído uns instantes sem avisar os condutores do camelo, e tendo ficado adormecida à sombra das árvores, a expedição continuou a viagem, sem dar pela falta da preferida do profeta. Um dos guerreiros, seguindo à retaguarda do exército, reconheceu Aicha, fê-la montar em seu camelo e levou-a para junto do exército, onde, ao espanto de todos, constaram estar a liteira vazia.

Houve escândalo... suspeitas... ciumes... e línguas malévolas pretendiam acusar o jovem guerreiro e a jovem Aicha.

O profeta não sabia o que fazer, colhido entre a sua desconfiança e o seu amor.

O céu tirou de novo o profeta do embaraço e uma nova revelação veiu pacificar os ânimos. Maomé ditou os novos versículos da Surata da *luz* que proclamaram a inocência de Aicha e repreenderam os caluniadores. (Cap. XXIV — 64 parágrafos) Lê-se no § 12: "*Neste livro encontra-se a verdade e a luz; Aicha é inocente e não merece nenhum castigo*".

* *
*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Maomé desposou ainda *Riana* e depois *Sofia*, uma outra judia tomada nos despojos de Khaibas. Ensinou-lhe a responder: Aaron é meu pai, Moisés meu tio e Maomé o meu espôso! Parece que não gostou muito tempo da bela judia, pois, pouco tempo depois, a repudiou, chamando-a mulher estéril e de mau agouro.

Chegou até a se casar com uma viúva cristã, por procuração, nos estados do Negus de Abissínia. Era *Ramla*, filha de Abon Sofian, viúva de um *hanif* cristão emigrado.

Sabendo dêste casamento de sua filha com o seu inimigo, o pai exclamou furioso: Não há freio que domine êste camelo lascivo!

Mais tarde, Maomé casou-se ainda com *Maimouna*, cunhada de El Abbas, o que lhe valeu o auxílio do sobrinho desta, o valente general *Khalid*.

Desposou mais tarde ainda duas mulheres, das quais repudiou uma, por razão de moléstia, outra, por razão de orgulho.

Possuiu ainda várias concubinas. A sua lascividade era tão conhecida pelas mulheres, que várias se ofereceram voluntariamente, julgando uma honra ter relações com o enviado de Deus, o que excitou o ciume e a raiva de Aicha, a preferida. Como é que uma mulher se oferece assim! gritou ela um dia. Maomé lhe respondeu com calma, citando o versículo trazido por S. Gabriel, dando êste privilégio ao enviado de Deus.

* *
*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O ciúme reinava bastante no grande *harém* do profeta: daí discussões, brigas, insultos.

Às vêzes o profeta irritava-se com tais disputas e exclamava: *O inferno está povoado de mulheres, desconfiai das suas intrigas.*

Naturalmente, replicava Aicha, a preferida, confiante em seu poder. *A mulher é um cavalo difícil de domar!*

Omar Selma presente retrucava: Estou vendo, as tuas outras mulheres não têm, a teus olhos, a menor importância! E rompeu a injuriar a favorita.

Afim de evitar novas recriminações, Maomé afastava-se umas horas, dando-se por doente, o que fazia dizer a Omar: Quando o profeta está doente, suas mulheres enxugam os olhos vermelhos de lágrimas, quando lhe volta a saúde, elas agarram-no pela garganta.

* *
*

Maguado, o profeta separou-se um mês de suas mulheres. Estas suspeitavam um repúdio, porém, o profeta limitou-se em citar-lhes a nova revelação trazida por São Gabriel: *"Se êle vos repudiar, Deus poderá dar-lhe novas espôsas melhores que vós, mulheres muçulmanas, crentes, piedosas, desejosas de se arrependerem, submissas, observando o jejum, tanto mulheres anteriormente casadas, como virgens"*.

Para evitar novas revoltas ciumentas, por ordem de Gabriel, o profeta prometeu-lhes não desposar doravante novas mulheres legítimas, promessa essa, sancionada pelo Corão, **(XXXIII-52)**.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Não parece duvidoso que o Islam tenha modificado a sorte da mulher na Arábia. "No tempo do paganismo, declara Omar, nenhum valor dávamos às nossas mulheres. Êste estado de coisas cessou, quando Deus fez revelações a êste respeito e designou os direitos que lhe deviam ser outorgados".

Entre os fiéis, dizia o profeta, o mais perfeito é aquêle que se distingue pela delicadeza para com sua mulher.

* *
*

Como se vê pelos exemplos citados, o pobre do profeta, na sua idade madura, livre das grandes preocupações das conquistas, tornou-se um homem sensual, voluptuoso, todo efeminado, e servia-se das suas pretensas revelações para desculpar e autorizar a sua vida escandalosa e lasciva.

* *
*

Tudo lhe era permitido. As próprias leis, ditadas por êle, para orientar e moralizar os muçulmanos, eram desprezadas e pisadas sob os pés.

E, como naturalmente se levantavam censuras e críticas, no ambiente adverso, pois tôda reforma suscita uma oposição, o profeta atribuia a São Gabriel a sua lascividade e o seu feminismo, como lhe atribuia a sua doutrina e as suas leis. E' o próprio Anjo, e por êle, o próprio Deus que está em contradição consigo mesmo, que proibia o mal, e depois ordenava cometê-lo.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Hoje Deus proíbe, e amanhã permite. Êle se corrige, êle muda, êle se retrata... Logo, tal doutrina não é de Deus, é uma doutrina falsa, porque Deus é um só, é imutável, não se contradiz nunca.

Bastaria a presente página, para nos convencer que Maomé não tinha recebido nenhuma missão de Deus, mas, não passava de homem obsediado por um ideal religioso, uma espécie de auto-sugestão.

Sincero, ao início de sua carreira, foi-se deixando dominar gradualmente pela ambição do poder, da dominação, e no fim pela sensualidade carnal, que, perante os séculos, o arrancou de seu trono de reformador, para assimilá-lo a um vulgar libertino.

Êle mesmo sentia a sua queda e para escondê-la, lança sôbre ela o manto da hipocrisia, fingindo revelações para legitimar a sua vida dissoluta.

Fiz questão de citar êstes vários exemplos, porque, melhor que outras minúcias da sua vida, indicam e formam a personalidade do pseudo-profeta, como apontam as numerosas incoerências e mudanças de sua doutrina moral.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XII

ÚLTIMOS DIAS E MORTE

Estava Maomé com 63 anos de idade. Seus últimos dias de vida ficaram envenenados pelo desespêro de ver outros profetas levantarem-se, e a seu exemplo, proclamarem-se inspirados por Deus.

Um certo *El-Aswad*, dizendo ter revelações celestes, sublevou o sudoeste da Arábia, que, renunciando ao Islam, ia seguindo o novo enviado. Penetrou o usurpador no Nejram cristão, e até em Sanã. Os funcionários muçulmanos fugiam apressadamente para Medina.

Um outro profeta, *Morcilen*, surgiu das margens do golfo pérsico, no Yemen, ameaçando o sul da península.

Era a derrocada?

Os beduinos iriam abandonar o Islam para seguir os dois impostores? Um dêles teve a ousadia de escrever a Maomé: Nós ambos somos enviados de Alah, dividamos o mundo entre nós!

Maomé resolveu vingar a sua honra e a sua missão. Mandou incontinenti preparar uma grande excursão para a Síria.

No momento em que o exército ia partir sob o comando do jovem favorito Osana, filho de Zeid, o profeta sofreu um violento assalto do mal que havia muito o atacara, e cujas origens parecem remontar tanto às águas insalubres como ao veneno de Zeinab, em Coibas. Delirava, julgava-se enfeitiçado e sofria estranhas alucinações sexuais.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

No delírio de uma noite de pesadêlos, dirigiu-se com uma das suas mulheres ao cemitério, e aí felicitou os mortos por terem encontrado a paz.

O mal progrediu, e o profeta pediu que o transportassem à casa da sua preferida Aicha.

Parece que o veneno devorava-lhe as entranhas. Sofria horrìvelmente. Gritava, gemia, dizendo que as veias se lhe estouravam.

No dia seguinte, o mal agravou-se ainda e, desde então, seguiu-se uma lenta agonia de quatro dias, com intervalos lúcidos e contínuas síncopes.

Uma agitação febril agitava seus membros. Uma sêde abrasadora devorava-lhe a língua, enquanto dôres atrozes lhe estraçalhavam as entranhas. Gritava, encolerizava-se, pedindo que lhe refrescassem as entranhas e a cabeça.

Cercado de seus amigos, das suas mulheres, de Aicha sobretudo que o chorava, Maomé tornava-se cada vez mais pálido... um suor gélido banhava-lhe o rosto... as mãos crispavam, procurando agarrar os objetos que o cercavam.

Era a morte que se aproximava... a morte causada pelo veneno ministrado pelas mãos de Zeinab que quís saber se, de fato, êle era profeta ou impostor... e o veneno atroz fez a sua obra de destruição, desmascarando o falso profeta e apresentando o impostor ao mundo e aos séculos.

Prevenido pela sua filha, *Abu-Bakr* chegou nesta ocasião e beijou chorando o rosto do morto. À saída cruzou-se com Omar, o qual brandindo o seu sabre, ameaçava matar quem dissesse que Maomé havia morrido.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A multidão que acorrera, recusava-se com êle a admitir o fato.

Se adorais Maomé, declarou Abu-Bakr, sabei que êle morreu. Se adorais a Deus, sabei que Deus está vivo e nunca morre.

Omar conformou-se, havia coisas prementes a fazer. Deixando o corpo que inchara consideràvelmente pela penetração do veneno, os dois companheiros íntimos, ambos sogros de Maomé dirigiram-se à reunião dos *Ançar*. —

Foi uma confusão geral, pois o profeta não teve tempo de regular a questão da sua sucessão temporal. Vários partidos se enfrentavam: os *Ançar*, de *Medina*, de um lado; os *Mohaproum de Meca*, com *Abu-Bakr* e *Omar*; os *Hachimitas*, com *Fátima*, filha de Maomé, e parentes; os Omnisados patrícios, com *Abu-Sofian* outro sogro do profeta.

Abu-Bakr, com sangue frio e com o apôio de Omar, soube hàbilmente aproveitar a desunião geral e a hesitação de todos, e após um hábil discurso obteve quase de surpresa o califado ou sucessão de Maomé, como chefe temporal.

O cadáver ficou quase abandonado.

Os Achimitas levaram-no e enterraram-no envolto em três peças de tecido, ao fim de 36 horas, quando o costume era de enterrar no mesmo dia.

Abu-Bakr e Omar não assistiram aos funerais; êste último foi-se e penetrou à fôrça, em casa de Fátima e esteve a ponto de brigar com Alí, seu marido.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Exasperada, a filha do profeta ameaçou de mostrar em público a sua cabeleira, em sinal de vergonha e de amargura. "Os profetas não deixam herdeiro" declarou Abu-Bakr, quando ela veiu com Alí, reclamar a herança do pai.

A pobre mulher morreu alguns mêses depois, escarrando os pulmões e declarando-se feliz por abandonar um mundo de iniquidade, onde cìnicamente se tinham pisado aos pés os seus direitos.

Alí tornou a casar-se várias vêzes. Reconciliou-se com Abu-Bakr, e foi mais tarde califa, depois de Omar e de Otsman.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XIII

A PERSONALIDADE DE MAOMÉ

Conhecemos a vida e a morte do homem extraordinário que se intitulou "enviado de Deus", ou "profeta".

Deve reconhecer-se que a personalidade de Maomé sai do comum, do banal e entra num domínio psicológico de muito valor.

Não possuímos nenhum retrato, nenhuma indicação autêntica de Maomé. Conforme a tradição árabe, era de estatura média, tinha a cabeça volumosa, a pele trigueira e corada, feições acentuadas, olhos grandes e brilhantes, testa larga e proeminente, nariz aquilino, cabelos pretos como o ébano, barba farta, fisionomia majestosa e suave. Quando se encolerizava inchava-se-lhe uma veia entre os sobrolhos.

Era afável com os inferiores, alegre na convivência dos amigos, e pensativo nas horas de solidão.

Não sabia ler nem escrever, ou pelo menos fingia-se de iletrado para inspirar maior fé nas suas pretensas revelações, que segundo dizia, lhe eram feitas por escrito, e apresentadas por S. Gabriel.

No dizer de alguns escritores árabes, Maomé avantajava-se a todos os outros homens em quatro coisas: em valor, em luta, em liberalidade e em vigor marital.

Até aos 50 anos foi fiel a Khadidja, a quem se confessava devedor da sua fortuna, e respeitou-a sempre. Colocou-a no número das quatro mulheres, espelhos de virtude, com:

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Maria, irmã de Moisés,
Maria, mãe de Jesús Cristo,
Fátima, a sua filha e
Khadidja, a sua espôsa.

Como a todo momento falasse de Khadidja a suas outras mulheres, Aicha, a sua preferida, interrompeu-o um dia, exclamando: "Em todo caso, era velha, e foi substituida por uma que vale mais do que ela".

— Não, por Deus, volveu o profeta, nenhuma mulher pode ser preferida a Khadidja, que acreditou em mim, quando os homens me desprezavam e que proveu as minhas necessidades, quando eu era pobre e perseguido".

Depois de ela morrer, desposou sucessivamente 15 mulheres, apesar de só permitir quatro no Alcorão.

Simulou até, várias vêzes, ter recebido ordens do Céu, para se casar com mulher alheia. Teve também 11 concubinas, o que elevou a 26 o número de mulheres de seu *harém*.

A única descendência legítima que deixou foi Fátima, mulher de Alí.

Vê-se por êste conjunto, que Maomé, dominado pela paixão da carne, levava uma vida sensual, efeminada, o que é bastante para desacreditar a sua missão de reformador e anular as legendas das visões e aparições do céu.

* *
*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Maomé exercia um poder imenso sôbre os muçulmanos, sendo a simulação da intervenção de São Gabriel o principal instrumento dêste poder. Usava e abusava dêle, quando e como convinha aos seus desígnios, para autorizar as próprias paixões vergonhosas, a tal ponto que a sua vida foi uma contínua exceção às regras por êle mesmo estabelecidas, regras de cujo cumprimento, o anjo Gabriel vinha a todo momento dispensá-lo.

A princípio, zeloso adversário da idolatria, recorreu depois à impostura, fingindo comunicações frequentes com Deus, a quem atribuia tôdas as suas resoluções, bem como a perseguição que moveu aos Judeus e Cristãos.

Condenou-se a si próprio quando escreveu em seu Alcorão: *"Fazer Deus cúmplice de uma mentira, simular revelações que se não recebem, e dizer: Farei descer um livro igual ao que Deus mandou, é a pior das impiedades"*.

Não se arrogou o condão de taumaturgo. Quando os inimigos lhe pediam milagres provando a sua missão, contava as vitórias ganhas com auxílio de batalhões de anjos, que combatiam, dizia êle, invisíveis entre os seus guerreiros.

Os seus crentes inventaram milagres e prodígios, porém o próprio profeta os negava, escrevendo: *"Era pobre e cheguei a dominar a metade do mundo, eis o milagre que operei!"*

Negociante, profeta, prègador, legislador, guerreiro, poeta, Maomé concebeu o projeto de estabelecer, no meio da luta das religiões, um dogma de maior simplicidade. Perseverou com paciência nos desígnios de morosa realização, suportou com coragem as oposições, as

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

perseguições, até o seu grande intento de reunir em suas mãos o poder religioso e civil. Tudo isto é extraordinário, e supõe da parte de Maomé, uma personalidade forte, firme, perseverante, acima do comum dos homens.

Estas grandes qualidades são obscurecidas pela ambição que o dominava, pela hipocrisia tudo atribuindo a S. Gabriel, pela sensualidade que o arrastava até ao epicurismo, e pela crueldade em suas vinganças.

E' uma personalidade dominadora que quer um fim, e que se serve de todos os meios, até dos mais perversos, para alcançá-lo.

A mudança que se opera nele, conforme as circunstâncias, as modalidades de seu oportunismo, demonstram que, apesar de corajoso, perspicaz, inteligente, era um *alucinado, um obsesso religioso.*

No meio da sua carreira, parece ter êle mesmo acreditado em sua missão reformadora, porém no fim, vê-se também que é a ambição da conquista do mundo que o domina.

Custa acreditar-se na sinceridade de Maomé, pois êle recorre a tanta simulação, a tanta hipocrisia, que é impossível que a sua consciência não proteste contra o seu procedimento.

* *
*

A morte de Maomé consternou a todos os crentes. Logo depois, suscitaram-se descontentamentos e formularam-se dúvidas.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Diziam alguns que o profeta não podia morrer, e que, como Moisés, voltaria, passados quarenta dias, ou ressuscitaria, depois de três dias, como Jesús.

O impetuoso Omar chegou a ameaçar com a espada a quem dissesse o contrário. O prudente Abu-Bakr, desaprovou-lhe os efeitos: Deus vive eternamente, disse êle, mas o seu profeta era mortal como nós, e terminou a sua carreira. Devemos adorar o Deus de Maomé e não Maomé!

Esta sentença, confirmada pela putrefação do corpo do profeta, serenou os espíritos e prepararam-se exéquias esplêndidas.

Não houve lágrimas, nem soluços, mas tão sòmente louvores conferidos ao grande homem, que reuniu ao laurel do poeta, o cetro do legislador e a espada do guerreiro.

Quando se tratou de escolher lugar para a sua sepultura, houve desinteligência.

Os Moadjerianos queriam levá-lo para Meca, sua pátria.

Os Ansarianos queriam conservá-lo em Medina, o centro do seu govêrno.

Outros entendiam que devia ser sepultado em Jerusalém, no meio dos profetas.

Abu-Bakr resolveu a questão, declarando que êle manifestara o desêjo de ser sepultado no lugar onde morresse.

Cavou-se-lhe, pois, a sepultura mesmo debaixo do leito onde falecera. Em volta do túmulo ergueu-se depois uma suntuosa mesquita, modelada pela de Meca,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

em forma de tôrre, cercada de galerias cobertas, com um pequeno edifício no centro.

No ângulo sudeste da Mesquita está o túmulo, num quadrado de pedras negras que sustentam duas colunas.

Maomé exclama antes de morrer: "Malditos os Judeus, que converteram em templos os túmulos dos seus profetas". Por uma nova contradição, ou exceção às suas leis, foi inhumado no mais esplêndido dos templos, e as visitas a êste templo são um dos deveres mais sagrados do islamismo.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XIV

O LIVRO DO ALCORÃO

A doutrina, os erros, as qualidades e os vícios de Maomé estão compendiados no Alcorão, que êle destinou para código civil e religioso dos árabes, querendo reunir as suas tribus dispersas sob uma só lei, uma só crença, uma só moral reformada, um só culto próprio, entrando em seus planos, que os sucessores da sua autoridade fossem pontífices e soberanos.

Chama-se *Al-Koran*, isto é: *o livro*. Dá-se o nome de *surata* a cada um de seus capítulos. Êstes são 114, de tamanho desigual, distinguindo-se uns dos outros, não por número de ordem, mas por títulos especiais, tirados ou de algum versículo ou da pessoa que fala, ou do capricho do compilador.

São em prosa, mas em linhas paralelas, com rimas frequentes, algumas das quais obtidas por interrupção e mesmo alteração do sentido. No alto de cada capítulo, lê-se: *B'ism illah el rohman el rakkem* (Em nome de Deus, o clemente, o misericordioso) — donde a fórmula usada pelos muçulmanos para o cabeçalho de todos os seus escritos: *B'ism illah*, em nome de Deus.

Os escritores maometanos encarecem muito o estilo do Alcorão. Realmente, é ameno nas passagens em que imita as maneiras e frases poéticas. E' conciso, ornado de figuras à moda oriental, e não raro aformoseado por expressões floreadas e sentenciosas. Eleva-se e torna-se magnífico, quando descreve a majestade de Deus .

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Sobretudo, admira-se a forma do Alcorão. Sente-se que Maomé procurou embelezá-la com o encanto da poesia, dando-lhe um movimento harmonioso e fazendo rimar os versículos com os períodos.

O Alcorão tem por *único dogma* que Deus é uno, e que Maomé é seu profeta: Deus é Deus, e Maomé é o seu profeta — *Alah el Alah, Mohamet ers o Alah!*

Por princípios fundamentais erige a prece, a esmola, o jejum, a peregrinação.

A sua moral assenta-se na lei natural e no que convém aos habitantes dos climas quentes.

O profeta compôs o seu livro acumulando nele muitos artigos tirados da Bíblia, muitas ficções ou fábulas tiradas do Talmud e misturadas com outras que lhe inspirou a ardente imaginação. Carece, porém, de método e ligação.

Na efervescência do entusiasmo ou da vaidade, Maomé fez consistir a verdade da sua missão no mérito do livro. Repta audaciosamente homens e anjos a que imitem as belezas contidas numa só das suas páginas, e tem a presunção de asseverar que tão primorosa e incomparável obra só podia ser ditada por Deus.

Êste argumento adquire fôrça, quando dirigido a um árabe devoto, disposto para a fé, cujos ouvidos ficam encantados pela bela harmonia dos sons, e que é incapaz de comparar o pretenso primor com as outras produções do espírito humano.

Não é, portanto, de estranhar que os muçulmanos chamem ao Alcorão — "o livro glorioso", ou simplesmente *o livro*, como os cristãos designam: *O Evangelho*.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O livro do Alcorão foi terminado em 17 anos, já em Meca, já em Medina, à proporção que lhe era revelado, isto é, à proporção que o legislador precisava fazer falar a Deus.

Cada revelação dizia respeito às necessidades do momento, às exigências das paixões ou da política.

Conquanto alí se encontrem flagrantes contradições, a discussão é evitada pela máxima preliminar de o texto da escritura ser modificado pelas subsequentes explicações.

Estas supostas revelações eram escritas pelos *Khodac* ou secretários, em fôlhas de palmeira ou em pergaminho, logo que caíam dos lábios do profeta.

Os discípulos aprendiam-nas depois, e em seguida todos os fragmentos, quer em pergaminhos quer em fôlhas, eram encerrados num cofre.

O Alcorão foi posto na ordem em que atualmente se encontra pelo Califa Abu Bakr.

O que é notável no Alcorão são as referências que faz à religião cristã. Várias vêzes e em têrmos respeitosos, o profeta menciona Jesús Cristo e Maria Santíssima. Ele é um dos mais antigos escritores que falam da Conceição da Virgem mãe de Jesús. Alude a ambos nos cap.: III, v. 37; XXI, v. 90 e LXVI, v. 12.

Vale a pena reproduzir aqui estas alusões, tão gloriosas para a pura e Imaculada Mãe de Jesús.

No Cap. III, v. 37, êle diz: *O anjo disse a Maria: Deus te escolheu, te purificou, és a eleita entre tôdas as mulheres, Teu Filho será digno de respeito nêste e no outro mundo.*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

No Cap. XXI, v. 90, êle diz: *Canta os louvores de Maria, que conservou a sua virgindade, ela e seu Filho foram a admiração do universo!*

No Cap. LXVI, v. 12, diz: *Deus ofereceu à admiração universal, Maria, filha de Amran, que conservou a virgindade. Gabriel insuflou-lhe o sôpro divino. Ela acreditou na palavra do Senhor e mostrou-se obediente.*

Estas passagens provam que Maomé tinha relações íntimas com judeus e cristãos e se fez instruir nos principais dogmas da fé possuida por êles, manifestando tôda a sua vida, respeito e até veneração, para com as suas crenças.

Quanto ao Evangelho, não o conhecia, ou o conhecia mal. Alguns fatos que dêle tirou, mostram, por muito desfigurados, terem-lhe chegado aos ouvidos por tradições, ou às mãos, por livros apócrifos.

Faz mais uso do Antigo Testamento, de que cita expressamente o Pentateuco e os Salmos. Argumenta com os Patriarcas, cuja história conta, com a intenção manifesta de restaurar o seu ensino, autorizar-se com seus exemplos e lisongear a vaidade da nação que lhes atribuia a sua origem.

No dizer dos comentadores do Alcorão, a sabedoria de Moisés e a piedade de Jesús eram por Maomé consideradas como vindas de Deus, em preparação ao caminho de um profeta ainda mais ilustre, para as gerações futuras. A promessa evangélica do Paráclito foi antecipada figura de Maomé, último apóstolo de Deus.

Convém notar que Maomé estava rodeado de judeus e de cristãos, tendo assim ocasião de se informar da sua crença e de seus dogmas.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A criada de quarto de Khadidja era uma Abissínia cristã.

Zeid, o filho adotivo de Maomé, descendia da tribu convertida dos Banou-Kalb.

Eram cristãos o sogro e o genro de Abou Sofian, cuja mulher se casou com Maomé.

Raras eram as famílias de Meca que não contavam entre os seus membros, e especialmente entre os seus escravos, alguns cristãos.

O profeta não disfarçava as suas simpatias pelo cristianismo. No Alcorão aponta êle como modelos os mártires cristãos dos primeiros séculos e os mais recentes de Yemen.

Louva os monges e os sacerdotes, cujas virtudes o profeta apreciara nos confins da Síria.

Rejubila-se pelo fato da vitória grega (Heráclio) ter impedido a destruição dos mosteiros e das igrejas, onde o nome de Deus é incessantemente invocado.

Nem mesmo quando rompeu com os judeus, êle desdenhou os cristãos: "*Tu reconhecerás,* (diz Deus) *naqueles que professam mais inimizade aos crentes, os judeus e os pagãos, e verás que os que estão mais próximos do amor dos crentes, são os que dizem: Em verdade nós somos cristãos. E' porque há entre êles sacerdotes e monges e porque não são orgulhosos*".

O Alcorão permite que os muçulmanos se casem com cristãs e comam da comida dos cristãos.

Embora desvirtuados e mal explicados, os dogmas cristãos encontram-se no ensino de Maomé.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Pecado original de Adão, expulso do paraíso;
Solidariedade do Gênero humano,
Satanás expulso do paraíso,

Livros sagrados, Anjo da guarda, Messias, Anti-Cristo, Fim do mundo, Ressureição, Juízo final, são pontos em que o Alcorão se mostra vizinho do cristianismo.

Implicitamente até encontramos no Alcorão os dogmas da Incarnação, da Redenção, da Imaculdada Conceição, da missão de Jesús, da Ascensão e mesmo a Eucaristia, na Surata *Mesa posta*.

Para os muçulmanos, o Alcorão é a palavra de Deus. Como no tempo dos profetas de Israel, é Deus que pretende falar aos fiéis.

Sendo, porém, escrito em prosa rimada, o texto supõe necessàriamente, um certo trabalho redacional.

Várias minúcias demonstram remodelamentos posteriores; por exemplo, a Surata IX interdiz aos ímpios a visita das mesquitas, quando elas ainda não existiam.

A Surata 49 fala de guerras entre nações crentes no Islam, quando, no tempo da pretensa revelação, só havia uma nação.

Se Zeid não foi o falsificador, pode muito bem ter sido o autor que modificou êstes e muitos outros versículos.

Em suma, pode-se dizer que o Alcorão contém as grandes verdades religiosas conhecidas por Maomé pelo seu contato com judeus e cristãos.

A inspiração do livro é elevada, de uma poesia abundante, de imagens empolgantes, embora a linguagem não seja erudita nem literária e, às vêzes, resvale em banalidades.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

As inúmeras contradições que encerra, as oposições de uma época com a outra, conforme as necessidades do momento, demonstram que é uma obra puramente humana, onde o Arcanjo Gabriel figura de nome, mas de onde sua ação acha-se completamente excluída.

Dizem que Maomé era analfabeto, não sabia ler nem escrever: e êle mesmo autoriza tal opinião. Pode-se duvidar de tal asserção, pois, inteligente como era, julgando-se chamado por Deus para reformar seu povo, deve-se admitir que, já de longe, ia êle preparando seu futuro papel: teria estudado e, em consequência, sabia ler, escrever e talvez se achasse a par de outros conhecimentos de seu tempo.

Se não lia livros existentes, os fez ler, pois tem noções sôbre todos os assuntos de que trata.

E' certo que o Alcorão não é obra exclusiva sua: foi completada, aperfeiçoada, remodelada, como o reconhecem os primeiros historiadores do profeta.

Se não temos a palavra certa de Maomé, temos, pelo menos as suas idéias, a sua organização, as suas leis: é quanto basta para que o reconheçamos como autor do Alcorão.

: — : — :

† Livros Católicos para Download

CAPÍTULO XV

OS DOGMAS ISLAMITAS

Não se deve buscar no Alcorão, e menos ainda, na tradição árabe, um corpo de doutrina bem definido.

Muitos problemas, aí, são omitidos ou ignorados, embora sejam essenciais.

Podem reduzir-se a seis as principais crenças islamitas:

1. A existência de Deus.
2. A existência dos anjos,
3. Origem divina do Alcorão,
4. A fé nos profetas.
5. A ressurreição dos corpos.
6. A predestinação.

Dois dogmas são capitais para o muçulmano: a unidade de Deus e a missão de Maomé.

O nome de *Alah*, assim como a idéia que inspira, provém dos judeus e cristãos, moradores dos confins da Arábia.

Maomé reconhece em Deus sete ou oito atributos ou qualidades, já expressos na Bíblia. São: o poder, a vontade, a majestade, a duração ilimitada, a ciência, a justiça, a bondade e a misericórdia.

Nada entendia o profeta, dos dogmas da Trindade e da Incarnação. Julgando-os pela forma do politeísmo, não cessara de invectivar contra aquêles que julgavam Deus capaz de *gerar*.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Êste monoteismo, fortemente afirmado, produziu uma profunda impressão sôbre os árabes.

A principal prova da existência de Deus, é o seu poder, manifestado pela ordem e a beleza do mundo, pela providência e o profetismo e por uns pseudo-milagres, atribuídos ao profeta.

Embora livre e responsável, o homem está sob a total dependência de Deus, que conduz ou perde a quem lhe aprouver.

O problema da predestinação está enunciado, porém não resolvido.

E' indubitável que o Alcorão não admite o fatalismo *moral*, como geralmente se pensa. Quanto ao fatalismo *físico*, êste está no temperamento de todos os orientais, e se revela de preferência pela forma de resignação.

O Islam tem do profetismo quase a mesma concepção que o judaísmo.

Adão, Noé, Abraão, José, Moisés, Salomão, João Batista, Jesús, são considerados como os grandes profetas que precederam a Maomé.

Abraão, Moisés e Jesús são os três maiores. Maomé considerava-se como o último chegado, anunciado já pelo Antigo e pelo Novo testamento. Julgava-se o *Paráclito* prometido por Jesús.

Quanto ao mecanismo do profetismo, o Islam o considera do modo mais rudimentar e mais material.

Não é em virtude de uma iluminação interior que o profeta recebe revelações, mas sim por via objetiva e externa: pela palavra do anjo Gabriel.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Se o interroga, para receber a resposta, êle é obrigado a esperar, até que tenha nova comunicação, como nós no telefone.

Na doutrina muçulmana, a morte é seguida pelo juizo particular, que se desenrola no interior do túmulo.

A alma, que, na crença popular, parece residir no túmulo até a ressurreição, sendo interrogada pelos dois anjos *Mounkar* e *Nakir*, sofre alí a pena ou recebe a felicidade merecida.

A ressurreição é um dos dogmas sôbre os quais o Alcorão insiste com mais frequência. Descreve-o várias vêzes, parecendo apoiar-se sôbre as visões de Ezequiel.

Um juízo geral segue-se à ressurreição.

A idéia que o Alcorão dá do inferno é bastante interessante. E' um aparêlho transportável que se traz por ordem de Deus, como uma locomotiva, ou um monstro rugidor.

Em outra parte, o Alcorão apresenta do inferno uma descrição por assim dizer arquitetural, como um imenso funil de sete graus, mergulhado no fundo de um abismo.

Não se pronunciando o Alcorão sôbre a eternidade das penas, intervieram os comentadores, que determinaram a não-eternidade.

Quanto ao paraíso, êste é descrito por Maomé sob o modêlo dêstes jardins orientais, com terraços, onde jorram águas límpidas e frescas, e onde amadurecem frutos sazonados.

Possui assim oito terraços, dispostos em pirâmide. Suntuosos pavilhões são construídos nêles. Os prazeres experimentados aí são partilhados pelos anjos.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Sob a influência de correntes místicas, junta-se-lhes a visão beatífica.

Do purgatório pròpriamente dito, não se fala. Existe, porém, acima do inferno, uma ponte que as almas dos justos atravessam num abrir e fechar de olhos, enquanto as almas menos puras ficam aí longamente detidas.

Entre o céu e o inferno, existe uma outra espécie de barreira, onde os pecadores esperam por muito tempo a decisão da sua sorte.

* *
*

O dogma é a base da piedade. O dogma islamita sendo vago, flutuante, a piedade pode revestir-se de uma forma sistemática.

Para o piedoso muçulmano existem, entretanto, cinco grandes deveres de piedade, que se chamam as cinco colunas do Islam.

Êstes deveres compreendem:

1. A fé nos dogmas islamitas.
2. A adoração.
3. A esmola.
4. O jejum.
5. A peregrinação a Meca.

Visivelmente calcado sôbre o modêlo dos exercícios monásticos, a oração (*salât*) deve fazer-se cinco vêzes ao dia. Reza-se onde se estiver, e não existe outra forma de culto.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Para convocar à oração, o *muezzin* vai devagar em redor do minarete ou tôrre da mesquita, as mãos abertas de cada lado do rosto, o índice fechando as orelhas, modulando o seu convite:

Deus é grande! (quatro vêzes).
Atesto que não há outro deus, senão Alah! (2 vêzes).
Vinde à oração (2 vêzes).
Vinde à salvação (2 vêzes).
Deus é o maior, só Alah é Deus!

Ouvindo êste convite, o muçulmano lava o rosto, os braços até ao cotovelo, os pés até ao tornozelo. Na ausência de água, esfrega-se com areia.

Estende depois o seu tapete de oração, vira-se para o lado de Meca (indicado pela mesquita) e ora, em pé, depois prostrado, depois acocorado sôbre os calcanhares, pronunciando as curtas fórmulas consagradas, que reproduzem aproximadamente as do *muezzin*.

Junta-lhes o *fatihah* (a introdução) ou *surata* em que começa o Alcorão, e que é por assim dizer o *Pater* do muçulmano: *Glória a Deus, Senhor do mundo, o clemente, o misericordioso, o mestre do dia do juízo! E' a ti que servimos, é a ti que pedimos socôrro. Conduze-nos pelo caminho daqueles contra os quais não te zangas, pelo caminho dos que não se transviam!*

O jejum durava todo o mês de *Ramadan*. Há proibição absoluta de comer, fumar e aspirar perfumes antes do deitar do sol.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Torna-se obrigatório o jejum desde a idade de 14 anos, sendo isentos os doentes, viandantes e soldados em expedição.

O Ramadan vai da aurora da manhã até ao deitar do sol, sendo permitido à noite tudo o que se proíbe durante o dia.

* *
*

Cada crente, pelo menos uma vez na vida, deve visitar Meca e dar sete voltas ao redor da *Caaba* e apertar-se contra o ângulo da mesquita onde está incrustada a pedra preta, bólide outrora honrado com um culto fetichista.

A moral social faz parte integrante dos dogmas de um povo.

O Islam, na sua gênese, devia ser um vasto agrupamento de crentes, teòricamente iguais perante Deus, o único Mestre, cujo representante era o profeta.

Os Califas, sucessores do profeta, deviam ser proclamados pela comunidade muçulmana. Conquanto absoluto o seu poder, podiam ser depostos se se afastassem do Corão.

O sucessor imediato de Maomé foi Abou Bakr, que foi proclamado pelos chefes dos crentes.

Abou-Bakr designou êle mesmo o seu sucessor, *Omar*. E Omar criou um conselho de 6 membros, entre os quais devia ser eleito o Califa. Enfim o sucessor se fez por hereditariedade.

Tôdas as leis devem estar baseadas no Corão. A jurisprudência é uma ciência religiosa. Os jurisconsultos,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

no Islam, desprovido de sacerdotes, substituem por uma parte o clero. Os doutores, ou *ulémas* se formam nas universidades muçulmanas.

À frente dos *ulémas* está o *cheik-ul-xiolam*, o principal chefe religioso depois do Califa.

Entre os doutores, distinguem-se os *Kadis* ou juízes, os *muftis* ou consultores, e os *imans* que presidem às orações.

O número das espôsas legítimas é reduzido a quatro. Muitas outras práticas religiosas são emprestadas do judaísmo, como a proibição do vinho, da carne de porco, também dos outros animais quando não forem mortos nas formas rituais.

A circuncisão está em uso geral entre os muçulmanos, embora o Corão não o indique.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XVI

A GUERRA SANTA

De tôdas as prescrições islamitas, a mais original, talvez, e a mais ativa para a sua extensão, é, sem dúvida, o preceito da guerra santa.

"Combatei nos caminhos de Deus até que todo culto seja o do único Deus.

Em oposições às outras religiões universalistas, onde domina o espírito de mansidão, esta ordem revela o instinto belicoso do chefe do bando, e é sobretudo a ela que o Islam deve a sua prodigiosa expansão. O serviço militar torna-se, dêste modo, um dever religioso, a conquista torna-se um apostolado, e a morte no campo de batalha é um martírio.

A guerra santa contra os infiéis é uma obrigação, em harmonia com o caráter aventuroso e sanguinário dos Árabes.

Os conselhos do profeta adaptam-se perfeitamente a estas disposições, procurando, ao mesmo tempo, excitar e abrandar os seus crentes.

"Combatei os inimigos na guerra de religião, diz êle no Corão, *matai-os onde os encontrardes.. O perigo de mudar de religião é pior que o assassínio.*

Combatei-os até não terdes que receiar tentação e ficar consolidado o culto divino. Cesse tôda inimizade, logo que êles tenham abandonado os ídolos, pois que a vossa cólera só contra os maus se deve exercer.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

No vosso proceder para com êles transgredi as leis que êles não respeitarem para convosco.

O paraíso está à sombra das espadas. As fadigas da guerra são mais meritórias que o jejum e as orações e as outras práticas da religião. Os guerreiros que caem no campo de batalha sobem ao céu como mártires.

"O' crentes, quando marchais para a guerra santa, medí as vossas ações e nunca por cobiça de presa chameis de infiel a quem vos saudar traquilamente.

Deus possui infinitas riquezas. Os fiéis que ficarem em casa, sem necessidade, não devem ser tratados como os que defendem a fé com a vida e os bens. Deus elevou êstes acima daqueles. Todos possuirão o sumo bem ,mas possuí-lo-ão em mais alto grau os que morrerem combatendo."

Tais foram os princípios que deviam dirigir as tremendas lutas do Islamismo. A morte para êles era uma recompensa, uma conquista, um ideal.

Compreende-se que, com tais ideais e convicções, os Califas, sucessores de Maomé, puderam organizar exércitos imensos, valorosos, prontos a vencer ou a morrer.

E' o segrêdo das surpreendentes conquistas do Islamismo.

Maomé e seus primeiros sucessores parecem grandes àqueles que se curvam reverentes perante um êxito veloz, e se deixam deslumbrar pelas vitórias rápidas, pelas agitações violentas e pelo extermínio, sinal único com que o profeta afirmou a sua missão divina.

Houve, efetivamente, algo de prodigioso na rapidez com que os seus companheiros se espalharam por tôda

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

a parte, derrubando tudo na passagem como o *Simum* dos seus desertos.

Os grandes ímpetos, as violentas arrancadas são sempre de curta duração, são insustentáveis.

Há historiadores que atribuem o sucesso do Islam à sua indulgência para com os apetites sensuais. Parece que tal idéia é falsa, pois os homens inclinam-se de preferência para o que se lhes oferece sob um aspecto mais rigoroso.

A verdadeira causa dêste entusiasmo é o fanatismo religioso, e a ambição do domínio. De fato, Maomé anunciava a reforma das outras religiões, para tudo submeter à nova religião.

Os países vizinhos, árabes e beberes, achavam-se fraccionados em tribus hostís, enquanto o Islamismo se apresentava como sociedade unida na fé e na administração, com um poder único, absoluto, e por isso eficacíssimo para a manutenção entre as partes.

No império, o diadema de Artaxerxes cingiu quatro frontes no espaço de quatro anos, e ficou, no fim, entregue a Yezdegar, criança de 15 anos, quando o exército muçulmano caíu sôbre êles.

A Grécia estava em luta com as mesmas dificuldades, e as vitórias alcançadas, ora por Chosroes, ora por Heráclius, debilitando-os, punham-nos fracos perante um inimigo cujas fôrças estavam intatas.

Os árabes, que, animados pela sêde de despojos e de sangue, ávidos pela conquista de mulheres e de um paraíso que só a vitória prometia, caíam sôbre aquêles povos, estimulados por generais que lhes bradavam: "Deus vive e vos contempla!... a vitória é certa, com-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

batei... vencendo, sereis os senhores de tudo... morrendo, ganhareis o paraíso... recuando, caireis no inferno!"

Ao início, enquanto o profeta se sentia fraco, só prègava tolerância e liberdade de conciência. Os capítulos que publicou, quando esteve refugiado em Medina, são da máxima mansidão, mas, à proporção que as fôrças lhe foram aumentando, a sua linguagem foi-se modificando, e o Alcorão respira ódio profundo a tôdas as outras crenças, votando os infiéis ao extermínio.

Era o único meio de ser ouvido por um povo guerreiro e fanático. Quem adorasse diversos deuses, ou outro deus que não fôsse o de Maomé, ficava sendo para os árabes um inimigo que era forçoso riscar da superfície da terra.

Como o desespêro provocava, às vêzes, resistência indomável, os Califas mostravam-se tolerantes para com os países situados fora da península.

Os Índios podiam conservar os seus pagodes e os cristãos e judeus podiam optar entre o Islam e o pagamento de um tributo.

Os vencidos que abjuravam a sua religião e se tornavam muçulmanos eram cumulados de favores, enquanto os demais eram tratados como escravos.

Sob êste impulso, os exércitos muçulmanos foram penetrando todos os países vizinhos. Apoderaram-se da Síria, e depois de terem vencido os gregos, apoderaram-se da Palestina, da Fenícia e da Ásia ocidental.

Dividindo os seus exércitos, um marchou contra os Persas, enquanto outro invadiu o Egito e tomou Alexan-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

dria, queimando-lhe a esplêndida biblioteca e conquistando tôda a costa africana.

No século VIII, transpôs o estreito de Gibraltar, ocupou a Espanha, derrubou os Visigodos, e penetrando os Pirineus, foi ameaçar as Gálias, a atual França, onde devia encontrar o golpe mortal de suas conquistas.

Estabelecidos na Espanha, fizeram desaparecer a dinastia dos Visigodos e, em poucos anos, a península conquistada pôde ser transformada em Califado de Córdova.

Os muçulmanos, sob o nome de Mouros, ou Sarracenos, dominaram a Espanha. Um punhado de cristãos visigodos, porém, refugiado nas montanhas das Astúrias, sob as ordens do heróico Pelágio, formou no seio da invasão um pequeno reino, que foi o berço da Espanha cristã do século XV.

Vitorioso na Espanha, o poder muçulmano ultrapassou os Pirineus e pretendeu penetrar a Gália. Foi aí que sua fôrça encontrou a primeira derrota.

O Crescente imperava, portanto, em todos os países que se estendiam das fronteiras da China ao Oceano Atlântico, dos desertos da África à Europa, além dos Pirineus.

A potência muçulmana estava fundada, mas sôbre que?

Primeiramente sôbre a fôrça. Maomé não tinha vários meios de conversão e de conquista. Apenas um: a espada. Não utiliza a palavra, mas o cemitério. Encarregava suas legiões de gravar com a espada o Alcorão, no coração da humanidade. Os portadores de sua doutri-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

na eram seus esquadrões. Seu programa se resumia em duas palavras: *Crê ou morre!*

A espada precisava de um apôio. Maomé lhe dá um duplo: a ignorância e a sensualidade.

Diante dêste colosso, levantado por Maomé, o mundo silenciou, porém, foi um silêncio de escravo, de vencido, que o desonrava.

A ignorância que presidiu ao islamismo, até hoje pesa sôbre a terra muçulmana, que nunca progrediu nem em cultura, nem na ciência nem na invenção.

Enquanto o profeta decretava as trevas para as inteligências, proibindo estudar outra ciência a não ser o Alcorão, destruía a moralidade, permitindo aos seus crentes uma vida sem freio e esperanças eternas mais tristes que a imoralidade da terra.

O Alcorão, de fato, autoriza a poligamia e o divórcio, e abre a porta a tôdas as paixões ignóbeis.

O paraíso de Maomé não passa de um lugar de gozos materiais e grosseiros.

E' aí, neste ponto, que os espera a eterna civilizadora, a Igreja de Jesús Cristo, para detê-los, fazê-los recuar, arrancar-lhes, país por país, a sua imensa conquista, procurando levá-los à luz do Evangelho, como à verdadeira civilização.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XVII

CIÊNCIAS E ARTES ÁRABES

Tem-se exaltado, com muito exagêro, o movimento científico e artístico dos árabes.

Antes de Maomé, nada existia entre êles: era a ignorância completa. Depois do estabelecimento do Islamismo, a ciência foi penetrando por meio dos ensinamentos do Alcorão e pelos comentários que ia suscitando, como também, e mais ainda, pelo contato imediato com os povos civilizados que conquistava.

No primeiro século que ficou sob o domínio do Islamismo, nenhum movimento científico sério aparece. Um século depois é que vão aparecendo alguns homens de inteligência mais aguda e de espírito mais acentuado.

Como sói acontecer em tôdas as reformas, um movimento espontâneo de contradição ao Alcorão se foi levantando e desta oposição vieram numerosas críticas, comparações, estudos, sôbre os atributos de Deus e a liberdade humana.

Êste primeiro movimento de reflexão foi logo estimulado pelo contacto com a filosofia antiga.

Em 750, os *Abassides* chamaram sábios nestorianos para a côrte de Bagdad e os encarregaram de traduzir em árabe um grande número de obras científicas pertencentes à literatura grega, hebraica, siríaca, persa e indiana.

São estas obras que vão servir de base ao desenvolvimento intelectual da nação.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Al-Kendi (870) começa o movimento, inspirando-se em Aristóteles para escrever uma "Física" e um "tratado de inteligência".

Al-Farabi (950), igualmente aristotélico, mas unindo ao ensino do mestre as idéias de Platão, formou o sincretismo platônico.

Ibn-Sina (Avicena, 1036), completa e supera os seus antecessores. Dotado de uma inteligência precoce, percorreu quase todo o ciclo das ciências conhecidas. Conta-se que havia relido quarenta vêzes a *Metafísica* de Aristóteles e a sabia de cor. Com 20 anos de idade começou a escrever e produziu um número prodigioso de obras. E' filósofo e metafísico: foi o primeiro, no oriente, que proclamou a distinção entre a essência e a existência, em todos os seres fora de Deus.

Al-Gasali (1058) é mais um destruidor, que um construtor de ciência. E' o grande defensor do Alcorão, em nome da ortodoxia muçulmana. Defende o que conhece, sem levar em conta o que desconhece e que podia ser melhor. E' o *Kant* da filosofia árabe, procurando rebaixar a ciência e a razão especulativa, para elevar as doutrinas e a moral do Alcorão. Seus escritos constituem a *suma* do maometismo, como a *Suma* Tomista é a expressão da doutrina católica.

Depois de Al-Gasali vem a decadência das ciências no oriente, enquanto toma impulso na Espanha. Aí surgem homens de certo valor, como *Avempace* (1138), *Tofail* (1185), que combateu seu correligionário Al-Gasali, procurando rehabilitar a especulação filosófica.

O médico *Averróis* (1198), de Córdova, é o último e o principal representante da ciência arábico-hispânica.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

E' um comentador exímio de Aristóteles. A sua doutrina é uma fusão dos peripatéticos árabes do oriente e os da Espanha.

Como escritores, pela precocidade de seus talentos e a multiplicidade de suas obras, êstes sábios árabes merecem todo louvor, convindo, porém, em que nada produziram de pessoal. São comentadores, copistas, fusionistas das idéias dos outros, sem nada ajuntar nem aperfeiçoar. Os seus livros são uma fusão do panteismo emanatista oriental, do sincronismo néo-platônico, de misticismo e espiritismo, de negação da personalidade na vida futura, etc.

Quando a filosofia árabe penetrou no ocidente latino, causou alí profunda impressão. E' pelos árabes que os escolásticos conheceram a maior parte das obras de Aristóteles.

Alguns se deixaram seduzir pelo Averroismo, que consideravam a culminância do Aristotelismo. Outros souberam fazer uma escolha feliz entre estas novas doutrinas, separando a verdade do êrro, o real do fictício.

Assim fez S. Tomás, tirando muitas das suas citações da Lógica e da Filosofia de *Algazel*, que louva Avicena, mas combate Averróis.

E' de Averróis o princípio das duas verdades, condenado pela Igreja, segundo o qual uma proposição pode ser verdadeira em filosofia, falsa em teologia — o que é um absurdo, sendo a verdade una e indivisível, em todos os ramos do conhecimento humano. (1).

(1) Per rationem concludo unum, firmiter tamen teneo oppositum per fidem.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Hoje as grandes teorias árabes estão abandonadas. Ninguém mais admite as esferas celestes animadas ou movidas por inteligências superiores, nem o intelecto agente separado do mundo, que é a negação da imortalidade. De fato, admitindo-se que o intelecto material e individual é mortal, só a humanidade é imortal e não o indivíduo, e a imortalidade é uma fábula que a razão não pode admitir, segundo concluem os árabes.

O êrro consiste em admitir a impersonalidade do intelecto, em separá-lo dos indivíduos, o que é impossível, sendo a inteligência inerente a cada indivíduo em particular, e não uma única para todos os homens.

Quanto aos demais ramos das ciências humanas, nenhum impulso, nenhuma novidade e nenhum aperfeiçoamento receberam êles dos árabes.

Os Mouros da Espanha tiveram os representantes nas ciências exatas, na Astronomia, na Álgebra e até em Medicina, depois dos estudos de Avicena e Averróis, porém, em esferas muito limitadas e durante pouco tempo.

A arquitetura, embora muito exaltada por alguns escritores, pouco lhes deve também, pois o que se chama estilo arabesco (entrelaçamento de folhagens e de frutos) não passa de uma alteração do estilo bizantino.

Convém notar que a cultura destas ciências limitou-se aos Mouros na Espanha, o que prova que êste movimento científico tinha por fonte o contato imediato com os povos latinos e sua influência sôbre a nova geração muçulmana. Quanto aos demais povos sob o domínio do Crescente nada produziram no terreno científico, social ou arquitetural.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XVIII

A PRIMEIRA DERROTA

O poder muçulmano havia chegado ao apogeu, não sòmente na Ásia, na África, mas até na Espanha, onde dominava o Crescente, e donde ameaçava a Europa inteira.

Nunca, desde Átila, uma invasão mais feroz e mais poderosa ameaçara o mundo civilizado.

Com exércitos imensos, aguerridos, destemidos, decididos a vencer ou a morrer, os muçulmanos penetraram no sul da França atual, pelos Pirineus, conquistaram a Septimônia, Narbonne, pequenos reinos do Sul, e seu chefe *Abdel-Rahmon* ameaçava o reino central da Aquitânia.

O rei Eudes procurou detê-los, mas viu as suas tropas aniquiladas diante de Bordéus, sendo o seu estado pilhado, devastado e os habitantes trucidados em massa.

Eudes recorreu, então, ao Rei dos Francos, reconheceu a dependência do seu reino e obteve o seu auxílio para combater o inimigo comum da cristandade.

A situação era gravíssima.

O universo inteiro ia ser dominado por Maomé, tôdas as nações iam ser escravizadas pela dominação brutal, conquistadora e anti-cristã. O mundo inteiro ia formar o império do Islamismo.

Carlos, rei dos Francos, levantou os seus exércitos de heróis, homens fortes, tão decididos a vencer ou a morrer quanto os muçulmanos.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Carlos reuniu suas tropas nas planícies de Poitiers, onde se encontrou com *Abdel-Rahmon,* em Outubro de 732.

Os destinos da humanidade iam decidir-se nesta luta.

O exército dos francos era a única barreira capaz de deter a avalanche muçulmana: aí iria decidir-se se o mundo seria cristão oú muçulmano.

Com uma habilidade estratégica que pode excitar a inveja dos guerreiros de hoje, os reis Carlos e Eudes combinaram uma batalha de surpresa, uma armadilha, em que queriam esmagar o poderoso inimigo.

Carlos dividiu os seus exércitos em duas partes. Tomou o comando supremo das tropas fortes e já aguerridas, e confiou ao rei Eudes outro exército que deveria atacar os muçulmanos pela retaguarda, na hora em que êstes abrissem fogo contra os francos que tinham em frente.

A armadilha surtiu pleno efeito. Era uma tática nova para os árabes, que os prendeu de improviso.

Durante 7 dias os dois exércitos observaram-se sem entrar em luta, demora preparada por Carlos para deixar ao rei Eudes o tempo de envolver as tropas muçulmanas.

Enfim, os Mouros abriram suas alas e espalharam-se na planície, e ao sinal de Abdel-Rahmon, a cavalaria ligeira árabe, semelhante a uma nuvem tempestuosa, lançou-se sôbre as tropas francas.

Êstes, imóveis, em massas cerradas, cobertos pelas suas armaduras de ferro, sôbre seus grandes cavalos do norte, opuseram uma verdadeira muralha de ferro às

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

repetidas cargas dos árabes, sem que chegassem abrir uma brecha em suas fileiras.

De repente, um brado de guerra feroz ecoou atrás do exército muçulmano: era o grito do exército de Eudes que havia cercado o inimigo e incendiara o seu campo.

O exército de Abdel-Rahmon estava cercado e tinha que fazer face a duas tropas formidáveis.

A desordem, efeito da surpresa, abriu as fileiras dos Árabes. Então, Carlos deu o sinal do ataque definitivo: o muro de ferro move-se, avança, e lança-se sôbre as fôrças árabes. O machado de guerra e a larga espada dos francos ceifam linhas após linhas dos esquadrões, abatendo tudo com um sangue frio e uma tenacidade ferozes.

Abdel-Ramon procurou salvar soldados, mas em vão: sucumbe com a elite das suas tropas, trespassado de golpes, esmagado sob os pés dos cavalos. Os árabes recuam, fogem, procurando um refúgio em seu campo, destruído pelos soldados de Eudes.

Chegou a noite. Carlos fez parar a perseguição ao inimigo, e no dia seguinte, ao amanhecer, os francos não enxergaram mais que uma planície ensanguentada, semeada de cadáveres.

As trevas haviam protegido a fuga dos muçulmanos, mas deixaram no campo de batalha mais de 375.000 mortos.

Esta vitória heróica salvou a cristandade, obrigou os árabes a abandonarem a França, para nunca mais penetrar nesta terra onde acabavam de sofrer a primeira derrota, e onde perderam o escol das suas tropas,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A batalha de Poitiers ficou para sempre memorável, deixando para Carlos o nome de *Carlos Martelo*, porque diziam que havia martelado os Sarracenos, com o seu machado de guerra. Êste nome lhe ficou e a posteridade o conservou como um título de glória, chamando-o Carlos Martelo.

O valoroso rei havia bem merecido o reconhecimento da Igreja e do Mundo. O Papa Gregório III dirigiu-lhe uma carta de felicitações.

Eis o poder do Islam vencido na Gália, repelido além dos Pirineus, mas conservado na Espanha, na África e na Ásia.

E' aí que êle vai reorganizando as suas fôrças, é daí que vai continuando as ameaças à Europa. Não podendo penetrar pela Gália, onde o machado de Carlos Martelo e de seus Francos lhe dá arrepios, procura invadir a Europa, pela Itália, pela Grécia e pela Turquia.

E' um novo perigo. Deus, porém, que protege os seus filhos, saberá na hora propícia suscitar novas fôrças para repelí-lo e não permitir a escravidão da Europa Cristã .

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XIX

AS PRIMEIRAS CRUZADAS

E' uma das páginas mais resplandecentes da história da Igreja católica, que temos a analisar aquí. E' o heroísmo da fé, do valor, da coragem, do entusiasmo santo que temos a percorrer, e que é antes assunto de um poema épico, que de uma narração histórica.

A história dos cruzados é tão simples em sua origem como é sublime em sua execução, e fecunda em suas consequências mediatas.

O famoso José de Maistre, falando destas expedições longínquas, disse muito bem: "Nenhuma teve êxito feliz, mas nenhuma delas malogrou".

No início do século XI, os muçulmanos eram os dominadores de Jerusalém, onde molestavam, perseguiam e, pela mínima razão, matavam os cristãos.

Nesta época eram numerosos os peregrinos que iam à Terra Santa, por devoção pessoal, ou em cumprimento de qualquer promessa.

Um Sacerdote francês de Amiens, chamado *Pedro, o Eremita,* tendo feito a peregrinação à Terra Santa e visto a arrogância e crueldade dos muçulmanos, não pôde conter a indignação.

Recebe as confidências e as lágrimas do Velho Patriarca de Jerusalém, Dom Simeão, e de volta para o Ocidente, encontra, a cada passo, cristãos, que viajam perseguidos, maltratados e mesmo assassinados pelos infiéis.

Um tal espetáculo o comove e o exalta.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Vai ter com o Papa a quem tudo conta e pede a autorização de prègar na Europa uma Cruzada, para acabar com êstes abusos e crueldades.

Urbano II, então reinante, para de coração magnânimo e terno, sente-se comovido e resolve salvar a cristandade do jugo dos muçulmanos.

Era em 1094.

Urbano II, então reinante, papa de coração magnâde Carlos Martelo, que haviam tão heròicamente batido os muçulmanos nas planíceis de Poitiers e lhes haviam fechado a porta de entrada da Gália.

O Papa convoca um grande concílio, em Clermont. Lá estão presentes 14 arcebispos, 225 bispos, 90 embaixadores de todos os povos cristãos, guerreiros de todos os países europeus.

Ao lado do Papa, está o valente prègador da Cruzada, Pedro, o Eremita, revestido de seu burel de penitente, pés descalços, fronte descoberta.

Urbano II dirige-se à multidão:

"Guerreiros, diz êle, vós que tantas vêzes procurais pretextos de guerra com os vossos vizinhos inocentes, eis aquí uma guerra legítima. Virai contra os infiéis as armas que desembainhais, sem razão, uns contra os outros.

Não se trata de vingar as injúrias feitas aos homens, mas a Deus . Não se trata de conquistar uma cidade ou uma fortaleza, mas a Terra Santa.

Soldados de Deus vivo, levantai-vos".

A estas palavras, um imenso brado levanta-se desta multidão palpitante: *Deus o quer! Deus o quer!*

"Seja êste brado o vosso lema de guerra, continua o Pontífice, e seja a Cruz o vosso estandarte"!

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Ademar de Monteuil, Bispo de Puy, é o primeiro a revestir-se das insígnias da Cruzada, isto é: uma cruz vermelha de lã sôbre o peito, ou sôbre o frontal do capacete militar.

Êstes soldados de Cristo são os Cruzados e em poucos dias o seu número é incalculável.

A Europa Cristã em pêso abala-se e mobiliza-se à voz do Pontífice romano.

Entre êstes guerreiros figuram os mais belos homens da França, da Inglaterra, da Itália: Hugue, o grande Godofredo de Bulhões, Roberto sem mêdo, duque da Normândia, Raimundo, conde de Tolosa, Estêvão, conde de Bloro, Bohemon, príncipe de Tarento e seu sobrinho, o Cavaleiro Tancredo.

O escol da Europa está ali, à frente de 600.000 homens, reunidos sob os estandartes da Cruzada.

O resultado desta primeira expedição, por mal dirigida, não foi o que se havia de esperar. Contudo, arrancaram das mãos dos muçulmanos as cidades de Nicéia, de Antioquia e de Jerusalém. Quando a notícia chegou a Roma, havia quatro dias que o santo Pontífice havia deixado a terra.

Esta morte cobriu de luto os louros do triunfo. Conquistada Jerusalém, Godofredo de Bulhões, duque da Lorena, foi proclamado rei, mas não quis aceitar êste título, senão o de *defensor e barão do Santo Sepulcro.* Deus me preserve, disse êle, de cingir uma corôa de ouro, no lugar onde meu Mestre trouxe uma coroa de espinhos.

Dois patriarcas latinos foram estabelecidos, em Jerusalém e em Antioquia, formando-se ainda o novo reino de Constantinopla.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Assim terminou a primeira Cruzada. Sete outras deviam seguí-la, no espaço de 200 anos, de 1095 a 1270.

* *
*

A segunda Cruzada, em 1141, foi prègada por São Bernardo. Havia uns três anos que um primeiro desastre havia vitimado o reino latino de Jerusalém.

A cidade importante de Edessa havia sido retomada pelos muçulmanos e a população cristã fôra exterminada por completo no meio dos mais cruéis tormentos.

Um grito de desamparo e de auxílio ecoou pela Europa, e São Bernardo, com tôda a eloquência de sua virtude e de seu talento, entrou a prègar nova cruzada.

O rei de França, Luiz VII, tomou a frente da expedição, auxiliado por Conrado III, imperador da Alemanha. Houve esforços e boa vontade, porém a perfídia dos gregos, junto com certos erros dos Cruzados, fez malograr a nova expedição.

Os chefes regressaram sem nada ter podido fazer em benefício dos perseguidos e deixando a Palestina entregue aos maiores perigos.

São Bernardo sofreu imensamente com êste desastre. O orgulho nacional pretendia fazer recair sôbre êle os revezes sofridos, ao ponto de, para ser restabelecida e patenteada a verdade, o santo ter sido obrigado a escrever uma *apologia*, apontando os verdadeiros culpados dêste desastre.

* *
*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Meio século depois desta frustrada expedição, em 1171, Saladino, encorajado pela dissensão dos Europeus, apoderou-se do Egito, da Síria, e fundou um vasto império muçulmano, que circundava por completo o reino de Jerusalém, desde o Eufrates até ao Nilo.

Num encontro com os Cristãos, em Tiberíades, mais de 20.000 cruzados ficaram no campo de batalha. O último rei de Jerusalém, Guy de Lusignac, foi aprisionado, sua capital retomada e o seu reino destruído.

Guilherme, Arcebispo de Tiro, pregou uma terceira Cruzada e a sua palavra eloquente abalou a Europa. Para custear as despesas, foi levantado nas grandes nações, um novo imposto, chamado *dízimos saladinos*.

O rei de França, Felipe Augusto, o imperador da Alemanha Frederico Barbarroxa, e o rei de Inglaterra, Ricardo Coração de Leão, tomaram a direção da nova Cruzada, composta de 500.000 guerreiros.

Tudo começou bem e os esforços das corajosas tropas foram coroados de pleno sucesso. Conquistaram a ilha de Chipre, tomaram de assalto São João do Acre. Infelizmente os chefes não souberam conservar a união entre si, o que paralisou os muitos sucessos, que podiam ter alcançado.

* *
*

Uma quarta Cruzada, estimulada pelo Papa Inocêncio III, foi suscitada em 1200, sendo o prègador o Padre Fulques, de Neuilly.

Um bem grande e equipado exército estava de prontidão; em poucos mêses, porém, os reis que haviam pro-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

metido tomar a frente, faltaram à sua palavra. Veneza, que havia prometido a sua frota para o transporte do exército, cuidou antes do seu proveito mercantil, de modo que as tropas foram obrigadas a limitar a sua conquista a Constantinopla.

Sitiaram a cidade que caíu em seu poder, sendo proclamado Balduino IX, Conde de Flandres, o primeiro Imperador do novo Império latino (1204).

Foi nesta ocasião que foi fundado o patriarcado de Constantinopla.

Esta quarta Cruzada, relativamente à luta contra os muçulmanos, teve pouco resultado, porém, aproveitou muito em relação ao cisma grego, afastando-o temporàriamente, e destruindo-lhe as fôrças.

Era um novo fracasso da conquista da Terra Santa. E êste fracasso ecoou tão dolorosamente na França e na Alemanha que suscitou no meio das crianças, uma verdadeira indignação, e uma indignação de entusiasmo.

Os exércitos não podendo reconquistar o berço e o sepulcro de Jesús Cristo, pelas fôrças das armas, as crianças pretendiam vencer a resistência pela fôrça da sua inocência e das suas súplicas.

Viu-se então, o que o mundo nunca havia contemplado. Em 1212 um menino francês, Estêvão, na Vandéia, e um jovem Alemão, Nicolau, de Colonha, sem combinação prévia, levantaram, cada um em seu país, o estandarte da terra santa e arrastaram em seu seguimento mais de 50.000 crianças da França e da Alemanha, decididos a libertar a Terra Santa.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Encaminharam-se para a Palestina, com um entusiasmo sem igual, mas infelizmente, com uma imprevidência não menor, própria da sua idade.

As crianças francesas, em número de umas 35.000, embarcaram em Marselha, mas, batidas por uma tempestade, e vários ataques dos muçulmanos, foram tragadas pelas ondas do mar mediterrâneo, ou caíram escravas dos corsários.

As da Alemanha em número de umas 15.000, tendo atravessado os Alpes, pereceram em caminho, pela fadiga e inanição. As que sobreviveram, chegaram até Brindise, na Itália, onde foram recolhidas e devolvidas para a sua terra natal.

Era o sangue entusiasta dos inocentes que se misturava à discórdia e à desunião dos grandes Exércitos, para dar ao mundo uma lição de fé, de valor e de entusiasmo viril.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XX

O FIM DAS CRUZADAS

Felizmente, a voz do Papa Inocêncio III e de seu sucessor, Honório III, suscitou novos entusiasmos, como provocados pelas súplicas e martírio das 50.000 crianças, imoladas pelo desejo de libertar o túmulo do Divino Mestre.

Em 1217, uma multidão de peregrinos, vindos do Baixo Reno e da Frígia, com um séquito numeroso dirigiram-se para o Oriente. Era a quinta Cruzada.

Encorajado por êste novo esfôrço, João de Brienne, rei de Jerusalém desde 1210, conduziu os romeiros para o Egito e apoderou-se da cidade de Damieta, que era considerada a chave da região.

A esta notícia, a alegria dos cristãos não tinha igual senão a estupefacção e o desespêro dos muçulmanos.

Novas tropas acorreram da Europa. O sultão do Egito, Alkamil, em troca de Damieta, ofereceu a restituição do reino de Jerusalém, com as suas antigas fronteiras. A oferta, porém, foi recusada.

Infelizmente êste triunfo foi de curta duração.

Atacados pelos exércitos infiéis, os Cruzados foram obrigados, onze anos depois, a abandonar Damieta e todo o Egito.

* *
*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A sexta Cruzada foi organizada pelo Papa Gregório IX, que acabava de ser eleito Sumo Pontífice, na idade de 80 anos.

Firme e resoluto a retomar os lugares santos, o Papa lembrou ao Imperador da Alemanha, Frederico II, seu juramento de presidir à Cruzada. Após muita relutância, o hipócrita monarca tomou a frente do exército alemão, e em 1227 tomou o caminho da Palestina com 50 navios, resolvido, não a combater, mas a usar de diplomacia para rehaver Jerusalém.

O momento era favorável.

O Sultão do Egito estava em guerra com o príncipe de Damasco; pediu então o apôio de Frederico, prometendo restituir Jerusalém e a Palestina.

Foi assinado o tratado de Jaffa, incluindo uma trégua de 10 anos, durante a qual, Frederico se comprometeu a não deixar os Europeus atacarem o Egito.

Jerusalém pertenceu momentâneamente aos Cristãos. O príncipe de Damasco havia destruido as fortalezas e as fortificações. Foi interdito aos Cruzados reconstruir os muros.

O Patriarca, o clero e as ordens militares puderam voltar para a cidade, mas sem obter a restituição dos bens sequestrados.

Os muçulmanos conservaram o livre exercício de seu culto e a jurisdição sôbre os nacionais de Jerusalém. O sultão ficou apenas de posse das vilas em redor da cidade.

Em 1229, Frederico fez a sua entrada solene na cidade santa, proclamou-se a sí próprio rei de Jerusalém,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

cingindo-se êle mesmo, com as próprias mãos, a corôa da realeza.

* * *

A sétima Cruzada apareceu sob uma perspectiva pouco animadora. A situação era aflitiva e exigia medidas urgentes.

O Oriente estava passando por uma revolução imensa. Os Tártaros, saídos do fundo da Ásia, arremessavam-se, a um tempo, sôbre a Europa e o império muçulmano, desde Bagdad até o Egito.

Ao mesmo tempo os Turcos se insurgiam na Síria, desbaratavam o último exército cristão e se apoderavam de Jerusalém, entregando-se ao sultão do Egito.

O Papa Inocêncio IV, em vão apelava para o auxílio dos povos cristãos. Ninguém estava em condições de empreender novas expedições.

O rei de França, São Luiz, entretanto, resolveu atender ao pedido do Santo Padre, e às pressas, reuniu seu exército de valentes, porém, insuficiente em número. Êle mesmo, com seu irmão, Carlos de Anjou e Eduardo de Inglaterra, comandavam a Cruzada.

São Luiz tencionava atacar o poder muçulmano no próprio Egito, começando pela Tunísia que lhe serviria de ponto de entrada.

Em 15 de maio de 1249, São Luiz lançou a âncora em frente de Damieta, e poucos dias depois apoderou-se da cidade, convertendo em Igreja Católica, a grande Mesquita do lugar.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Tendo as tropas do Sultão remontado o Nilo, os Cruzados seguiram-nas até Monsourah. Era um primeiro sucesso, porém, logo seguido de revezes. O sultão chegou a interceptar as comunicações de São Luiz com Damieta, centro de abastecimento.

Breve, o rei de França foi prêso e a mor parte de suas tropas feitas prisioneiras (1250). Foram abertas negociações de paz. São Luiz foi obrigado a evacuar Damieta e a pagar um milhão de pesos de ouro, pela liberdade de todos os prisioneiros cristãos do Egito.

Foi o rei com os restos de seus exércitos para S. João do Acre, com a secreta esperança de não abandonar a Síria sem ter providenciado a segurança dos cristãos. Ficou ainda quatro anos na Palestina, negociando com os emissários egípcios para obter a libertação dos cristãos e fazendo piedosa peregrinação a Nazaré, Monte Tabor e Caná, e fortalecendo as últimas praças de guerra do reino: S. João, Cesaréia, Jaffa e Sidon.

Em 1254 recebeu cartas comunicando-lhe a morte da sua santa Mãe, Branca de Castela, que durante a ausência do rei, havia governado a França. Estava encerrada a sétima Cruzada.

* *
*

Vai começar a oitava e última Cruzada.

Os muçulmanos não podiam deixar de explorar a fraqueza dos Europeus. As poucas conquistas dos Cruzados corriam um perigo iminente.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O Papado lançou um novo alarme, em 1266. O Papa Clemente dirigiu-se de novo a São Luiz. Êste respondeu incontinenti aos desejos do Santo Padre, e embora encontrasse pouco entusiasmo no meio do povo, resolveu a organização da nova Cruzada, acompanhado por seus três filhos e de Eduardo, rei da Inglaterra.

Tunis foi o primeiro objetivo da Cruzada.

O sultão da Tunísia havia jurado aos muçulmanos franceses de converter-se ao cristianismo, junto com um grande número de seus súbditos. Tal compromisso, porém, foi ilusório e uma armadilha.

O príncipe muçulmano mandou envenenar as fontes. A peste acometeu o exército, e em poucos dias, foi uma mortandade enorme entre os franceses. O rei viu morrer seu filho João Tristão, e caiu êle mesmo, vítima do terrível flagelo.

O piedoso monarca mandou que o deitassem sôbre a cinza, ofereceu a Deus seus sofrimentos e a sua vida e expirou como rei e como santo, no dia 25 de agôsto de 1270.

Carlos de Anjou, outro filho de São Luiz, assinou um tratado honroso e voltou aos seus estados.

Com São Luiz, encerrava-se a era dos Cruzados, iniciada em 1095 e terminada em 1270.

Em vão o Papa Gregório X, no Concílio de Lião, (1274) procurava despertar o entusiasmo das nações européias. A sua voz encontrou diminuto eco. Os cristãos do Oriente, entregues a sí mesmos, perderam tôdas as posições conquistadas.

Trípoli lhes foi arrebatada em 1289, depois a cidade do Acre ou Ptolomai, último amparo da cristandade,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

e a Palestina recaíu em poder dos muçulmanos, que continuam até hoje, a dominar a Terra Santa e os grandes santuários do Cristianismo.

Vencedores na Ásia, os muçulmanos foram perdendo terreno nas possessões da Europa.

Tirou-se-lhes a Sicília, já no século XI.

Os Normandos na Itália Meridional, onde se haviam estabelecido desde 1017, conquistaram Apúlia e Calábria, acabando assim com o domínio grego e fundando um reino independente, católico, sob a soberania da Igreja Romana. Dirigiram-se depois à Sicília com o Duque Roberto Guiscardo.

Em 30 anos de combate, logrou o irmão de Roberto arrancar a ilha dos muçulmanos e governar nela como vassalo de seu irmão.

Na Espanha, embora não se tivesse podido ainda acabar com o poder e dominação dos Mouros, êste ficou contido em limites muito estreitos.

Tendo-se dividido o Califado de Córdova, depois da queda dos Omíadas (1031) numa série de pequenos reinos (emirados) os príncipes cristãos puderam levar a cabo novas conquistas.

A batalha decisiva das "Navas de Tolosa" (1212) ganha pelos cristãos, fez cair em suas mãos a maior parte da Andalúzia. Só no extremo Sul, onde o emir Maomé Aben Alamar fundara o reino de Granada (1238) se manteve o poder dos Árabes até 1492, em que os Mouros foram expulsos, pelos reis católicos, do resto de seus domínios reconquistados.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XXI

DECADÊNCIA DO ISLAMISMO

Em vários países, o Islamismo estava se enfraquecendo, embora conservasse ainda a preponderância na Ásia Menor e na África.

Uma primeira vez, a Igreja deteve o seu poder em Poitiers, pelo braço de Carlos Martelo.

Uma segunda vez, por um esfôrço de dois séculos, a Igreja organizou oito Cruzadas sucessivas, que não acabaram, mas abalaram o seu poder nos alicerces.

O Crescente continuava a dominar Jerusalém, como continuava a semear o terror no Ocidente e a oprimir os Critãos do Oriente. Durante 10 séculos o Islamismo esteve diante dos portos da Cristandade, para castigar a revolta dos povos batizados, despertá-los do sono, estimular à virtude e provocar o heroismo.

Deus dirige o mundo.

A Europa crente e fervorosa, vivia em paz e prosperidade. A Europa cética e comodista só encontrava guerras e extermínios. E' o dedo de Deus e a mão da sua Providência.

Após o esfôrço titânico das Cruzadas, vemos o poder muçulmano parado em seus projetos de conquista, pela invasão dos Mongóis e de Tamerlin.

E' certo que o grande sonho de Maomé, em conquistar o mundo, fervia ainda latente no peito dos seus adeptos.

As lutas continuam incessantes, inflamadas e sanguinolentas entre os Cristãos e os Turcos otomanos.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Maomé II jurou arrancar Constantinopla das mãos dos Gregos. Êstes últimos eram merecedores dos castigos divinos, pelo cisma que haviam executado, separando-se de Roma, em 1054.

Chegou a hora da vingança divina.

Em 6 de abril de 1453, Maomé II chega com um exército de 300.000 homens. Cerca Constantinopla com uma formidável artilharia e lança os seus janísaros ao assalto dos baluartes.

Em vão o Papa Nicolau V implora o auxílio da Cristandade. Só os Venezianos e Genovêses prestaram ouvidos à voz do Soberano Pontífice.

No interior da cidade, os habitantes estão divididos e perseverantes no cisma. Possuem um imperador que é um herói, *Constantino Paleólogo*, zeloso partidário da União das duas Igrejas do Ocidente e do Oriente.

Paleólogo com um punhado de bravos, apenas 10.000 homens, passa as noites em oração, e o dia em combate.

Sob uma verdadeira chuva de fogo grego (1) que os Turcos empregavam como auxílio, êle ia e vinha, gritando a seus soldados.

Se Constantinopla perecer hoje, eu me sepulto sob as suas ruinas!

O herói, fiel a seu juramento, vendo a cidade tomada pelos Turcos, lança-se no meio das suas fileiras, onde recebe o golpe de morte.

---

(1) Era um fogo químico que ardia em cima da água. Invenção do engenheiro grego Galinico.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

A cidade do grande Constantino desaparece, tendo existido durante 1.123 anos. 40.000 cristãos ficaram sepultados no meio das ruinas. 50.000 foram reduzidos à escravidão. Outros puderam escapar aos fanáticos vencedores e fugir para a Itália, nos barcos venezianos, levando consigo os preciosos despojos da Pátria: manuscritos gregos, sagrados e profanos, ricos tesouros do passado, subtraidos às chamas e à ignorância dos muçulmanos.

A Grécia penetrava em Roma com seus poetas, filósofos, artistas e sábios. O Oriente transplantava-se para o Ocidente. Antes os Turcos que o Papa: haviam gritado os gregos depois do Concílio de Florença. E o seu voto insensato foi atendido. Os turcos tornaram-se os senhores de Constantinopla e a catedral de Santa Sofia foi transformada em Mesquita muçulmana.

Foi o apogeu do poder muçulmano! De então em diante, será a queda, a decadência, rápida e fatal, que penetrará em suas fileiras e organizações.

* *
*

Maomé II, orgulhoso da sua vitória, toma o nome fastidioso de: Mestre e soberano das duas partes do mundo. A sua dominação estende-se à Europa, à Rumânia, à Macedônia, à Grécia, à Valáquia, à Moldávia e à Sérvia (Balkans).

Arranca as ilhas do arquipélago aos Venezianos e as suas tropas levam as incursões até ao sul da Itália.

Não puderam, contudo, apoderar-se de Belgrado, defendida por *Huniade* e por um religioso Franciscano, *São João Capistrano*. Encontraram o mesmo revés diante

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

da ilha de Rodes, onde os Cavaleiros de S. João de Jerusalém lhes infligiram perdas enormes.

Os Cavaleiros conservaram a ilha durante dois séculos. Perderam-na só em 1522, tendo-a defendido tão bem e com tanta bravura, que o Sultão Solimão exclamou, vendo o grão mestre Villars: Que pena expulsar de sua casa um tão bravo cristão!

Carlos V deu-lhes, em 1530, a ilha de Malta, que conservaram até 1798, em lutas contínuas contra os infiéis, em terra e no mar.

Pela tomada de Constantinopla, o império muçulmano era onipotente. Tinha nas mãos a chave do Oriente e podia, à vontade, assolar o Ocidente.

Durante mais de um século, foi êle o terror dos cristãos e europeus; porém, a decadência começava e o império turco marchava a grandes passos, para a sua ruina definitiva, onde já o vemos, bastante tempo, debater-se miseràvelmente.

A Turquia de hoje não passa de um cadáver em decomposição, que não vive mais senão pela vontade da Inglaterra e da Rússia.

: — : — :

A decadência começou sobretudo no golfo do Lepanto, em 1571, e sob os muros de Viena, em 1683.

O soberano mais ilustre da Turquia foi sem contradição Solimão II, o magnífico, cujo reino se estendeu entre os anos de 1520 e 1566.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Recomendou-se ao mesmo tempo, pelas guerras da Europa, da Ásia e da África, pelas suas grandes instituições administrativas, sabendo manter em tudo um equilíbrio salutar.

Depois dêle os Turcos declinaram com Selim II, cuja frota marinha fôra aniquilada em Lepanto.

Nesta época, estava assentado no trono pontifício o santo Padre Pio V. Para repelir Selim II, dirigiu-se a Veneza e à Espanha, e aparelharam, de acôrdo, uma frota formidável contra os Turcos.

D. João da Áustria, filho de Carlos V, comandou-a. Encontrou os turcos no golfo de Lepanto, no meio do mar Jônio, entre a Grécia e a Moréia. Era no dia 7 de outubro de 1571.

Os Turcos, comandados por Selim II, perdem 600 peças de canhão, 200 navios e 30.000 homens.

O Papa recebeu do céu a revelação do triunfo, e exclamou de repente. "Vamos dar graças a Deus! A vitória é dos cristãos".

Imediatamente, em tôdas a basílicas de Roma, entoou-se o "*Te Deum*" solene e o Papa, em lembrança desta vitória, institui a festa do rosário. Os guerreiros haviam começado a luta, implorando a Maria como Estrêla do Mar, e haviam içado a bandeira branca, com a imagem da Virgem, na ponta de seus mastros.

Enfim, o Crescente recuava diante da Cruz. Mais uma derrota como esta de Lepanto, e o poder muçulmano estaria aniquilado.

* *
*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Tal derrota não devia demorar.

Maomé IV reinava ainda, e disse certa vez com insolência: "Em breve meu cavalo irá comer milho sôbre o altar de S. Pedro em Roma".

Logo seu vizir Cara Mustafa pôs-se em marcha contra a Áustria, em abril de 1683.

O Papa Inocêncio XI prescreve orações públicas, e êle mesmo, dando o exemplo, vela, trabalha, suplica e se mortifica para alcançar de Deus o triunfo das armas cristãs.

Os turcos, vitoriosos dos Austríacos, preparam-se para ocupar Viena, que suportou, durante 45 dias, os mais terríveis assaltos.

As chamas estavam já devorando os conventos, as igrejas e os edifícios públicos. Os arrabaldes incendiados, formavam uma cintura de fogo, em redor da cidade desesperada.

Tudo estava perdido!.

Não! O grande, o sublime, o piedoso Sobieski, rei da Polônia, aproximou-se com um exército de 20.000 Polacos, valorosos e piedosos como êle, para libertar a Áustria e a sua capital.

Era no dia 12 de setembro de 1683. O núncio apostólico celebrou a Santa Missa, a que o rei Sobieski, assistiu de braços em cruz...

Todos comungaram e depois entoaram um hino à Virgem Santíssima.

Não era um canto, era um longo soluço de comoção, de esperança e de resolução de vencer ou morrer.

Disposto a dar sua vida pela libertação da cristandade, Sobieski, ao pé do altar, armou o seu filho, cavalei-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ro, para que, em caso de morte, lhe sucedesse no comando do exército.

Uma última bênção do Núncio do Papa, uma última recomendação de Sobieski, um último brado à Virgem das Vitórias, e o exército desdobrou as suas linhas, os estandartes agitaram-se, os clarins ressoaram... E os defensores, como leões, lançaram-se sôbre o inimigo.

O sol, ao levantar-se, viu as orações dos cristãos... E ao desaparecer no horizonte, contemplou a vitória dos heróis.

As planícies, em redor da cidade, estavam cobertas de 40.000 cadáveres de Turcos.

Sobieski fez presente ao Papa das bandeiras tomadas ao inimigo, com estas palavras célebres: *"Vim„ vi, Deus venceu!"*

Júlio César, esquecendo-se de Deus, havia dito: *Veni, vidi, vici.* Vim, vi, venci! Porém, a César pertencia a glória da Roma pagã. A Sobieski, a glória da Roma Cristã.

Estava vencido o Islamismo. Após 10 séculos, ficará ainda exausta, agonizante, a potência muçulmana, sem vida própria, sem progresso, sem ideal, sem futuro.

E a Igreja de Jesús Cristo que êle combateu com tanto furor e tenacidade, continua mais jovem e mais viva, inaugurando sôbre as ruinas do Islamismo, novos e imperecíveis destinos.

: — : — :

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XXII

A FALSIDADE DO ISLAMISMO

Por um instante deixemos de lado, a vida, os ensinamentos e a propagação da religião de Maomé, para entrar no julgamento sereno da sua doutrina, estudando-a, por parte de seu autor, conforme os princípios de uma dedução inteligente e lógica.

Há várias religiões, porém só há uma religião verdadeira, porque havendo um só Deus, só pode haver um modo certo de servir a êste Deus.

Como descobrir a religião verdadeira no meio das numerosas seitas que se dizem possuidoras da verdade?

E' simples e ao alcance de todos.

1. Deus é o Criador e o Senhor do homem. Consiste a religião nas relações entre Deus e o homem e tais relações nasceram no ato mesmo da criação do homem.

Foi naquele momento sublime que, dando a vida ao homem, Deus se tornou *seu pai* e o homem se tornou filho de Deus.

Aquêle que dá a vida, chama-se *pai* e aquêle que recebe a vida chama-se *filho.*

Logo, a religião verdadeira deve ter nascido no próprio berço da humanidade, junto ao primeiro homem.

2. A religião verdadeira, sendo obra do pai para com o filho, deve necessàriamente adaptar-se a tôdas as faculdades do homem: deve ser *luz* para a inteligência,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

amor para o coração, *fôrça* para a vontade, conduzindo o homem ao seu supremo destino, que é a felicidade eterna.

3. Sendo Deus a própria verdade, a religião, feita por êle, deve ser coerente e imutável, excluindo absolutamente tôda contradição e tôda mudança sucessiva.

Eis três princípios que nos permitem, sem receio de erros, descobrir a religião verdadeira.

* *
*

Apliquemos agora êstes três princípios ao Islamismo, e veremos logo destacar-se a sua falsidade, por não satisfazer a nenhum dêstes requisitos, absolutamente exigidos.

O Islamismo não nasceu no bêrço da humanidade, mas proveio dos ensinamentos de Maomé, que o imaginou, codificou e legou aos homens, não no comêço da humanidade, mas sim, no ano 612, em Meca, organizando-o no ano 622 em Medina, onde o pseudo-profeta fixou o centro da sua reforma.

Antes desta época, não existia nem Alcorão, nem lei maometana. Começou neste ponto, e não pode passar além.

O reformador atribui a sua doutrina ao Arcanjo Gabriel. Nada, porém, tem êle com êste arcanjo, pois a religião deve ser revelada pelo próprio Deus, e não pelos anjos que, sendo êles também *servos* de Deus, nenhum poder possuem para estabelecer uma religião divina.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O Islamismo não pode descer além de Maomé, e nenhuma relação, nenhuma ligação possui com a religião fundada por Deus, transmitida por Moisés e os patriarcas, até chegar a Jesús Cristo, que realizou em sua pessoa, tôdas as profecias, e encerrou pelo Apóstolo S. João, o ciclo das revelações divinas autênticas.

Não chegando até Deus a religião de Maomé, não é uma religião divina. E' obra de seu fundador, uma religião humana, em contradição com a religião divina.

Logo, é uma religião falsa.

* *
*

A religião verdadeira deve adaptar-se às faculdades do homem, isto é, deve ser *luz*, *amor* e *fôrça* e conduzir o homem ao seu destino eterno.

Como vimos, o islamismo não realiza nenhum dêstes requisitos.

Não é *luz.*

O islamismo em nada contribuiu para o desenvolvimento do espírito humano. Pelo contrário, materializa o espírito, fecha-lhe o horizonte de uma vida pura, santa, abnegada, que termina na felicidade divina, e não numa felicidade material como ensina o Alcorão.

O céu do islamismo oferece o vício como suprema recompensa da virtude: até haverá palácios, riquezas, prazeres, mulheres e tudo o que a miséria humana pode sonhar para conhecer a si mesma e satisfazer os seus instintos humanos.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Não é *amor*.

O amor divino não figura no Alcorão, nele existe o mêdo, o terror, até a admiração das grandezas e do poder de Deus, nunca o amor. O amor espiritual, santo, sobrenatural é desconhecido na lei do pseudo-profeta. Nêle figura sòmente a volúpia do prazer, da sensualidade, embrutecendo, aniquilando, dêste modo, o amor puro, o amor ideal que Deus semeou no coração humano. Para o maometano, *amar é gozar*. Para o homem espiritual, *amar é dar*. Para o islamismo o amor está no prazer; para o cristianismo, o amor está em agradar aquêle a quem se ama.

Não é fôrça.

E' uma violência de guerra, de luta, de conquista pelo fanatismo da dominação, porém não é uma fôrça de vontade pelo bem, pela virtude, pela grandeza espiritual do homem, pelo seu aperfeiçoamento, pela realização de um ideal superior.

Tudo é materializado. O espiritual, a santidade, é um ideal desconhecido para o islam.

Só conhece a fôrça bruta da guerra. Ignora a fôrça construtora da vontade, na virtude.

E depois, não conduz à salvação eterna. Esta salvação é a virtude, a santidade, o heroismo espiritual, a abnegação própria, o desprêzo dos bens passageiros do mundo.

Tudo isto não existe no islamismo. Logo, é uma religião falsa.

* *
*

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O terceiro requisito é a coerência e a imutabilidade, partes essenciais da doutrina divina.

Aquí, mais ainda do que nos pontos precedentes, a religião de Maomé está fora de tôda apreciação.

Fàcilmente, parece que o islamismo podia evitar tôda aparência de contradição, pois tomou como bagagem intelectual, apenas três dogmas simples e claros, emprestados à Filosofia: — a Unidade de Deus, a Imortalidade da alma e a Sanção na eternidade, do bem e do mal.

Infelizmente, Maomé fez o seu comentário e as aplicações da sua doutrina, e nêles semeou as contradições, a mãos cheias.

Êle se apresenta como continuador de Jesús Cristo e o sêlo dos profetas. (1)

Ora, Jesús declarou que não seria continuado nem completado por ninguém e que a sua Igreja (doutrina) permaneceria até à consumação dos séculos, até ao dia do juizo geral (2).

De outra parte salta aos olhos que a obra de Maomé, pela sua moral, sua doutrina social e religiosa, não é um progresso, mas um imenso recuo na doutrina de Jesús Cristo, como vemos claramente na exposição dos capítulos anteriores dêste estudo.

E o próprio Alcorão, o livro sagrado do Islam, quantas incoerências não apresenta!

---

(1) Cap. III do Alcorão — V. 77 — Cap. IV — V. 161 — Cap. 33-V. 40

(2) Math. 28, 19 — 17, 17 — XXIV, 24.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

O pseudo-profeta o compôs, ou o fez compor do começo até ao fim, tendo que ser coerente consigo mesmo. Não soube, porém, fazê-lo e êle mesmo o percebia.

Para se tirar do embaraço, atribuia a São Gabriel esta frase tão admirável de incoerências e contradição, como é ofensiva e blasfema a Deus: *"Se omitimos um versículo do Alcorão, ou se apagamos a sua lembrança de teu coração, nós te trazemos outro melhor ou semelhante".*

Eis Deus que se corrige a si mesmo, que se completa, que se aperfeiçoa.

Como consequência, os teólogos muçulmanos retiraram do Alcorão um certo número de passagens, visìvelmente *esquecidas.* Umas foram abrogadas quanto à letra e ao estudo; não contam mais. São *lapsos* divinos, distrações de Deus, falta de memória de Deus. Outras passagens foram abrogadas quanto à *letra,* porém, foram substituidas, quanto ao sentido, por outras semelhantes.

Outras ainda foram completamente riscadas e canceladas: eram ignorâncias divinas. Outras, enfim, ficaram no livro, mas abrogadas, quanto ao sentido, constituindo (notem bem isso) as contradições oficialmente reconhecidas e conservadas...

Há no Alcorão, 207 versículos que sempre figuram no texto, mas que são abrogados por 93 outros.

O quinto versículo da Surata 9 abroga, êle só, 124 outros. As revelações abrogadas foram substituídas por melhores ou mais cômodas, as quais, à medida das necessidades, permitiram a Maomé violar suas próprias leis sôbre o matrimônio, de continuar em nome de Alah

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

(Deus) os seus saques, roubos, assassínios e tráficos vergonhosos. (1).

O próprio profeta se envergonha destas contradições e crimes e confessa, no Alcorão, a enormidade de seu crime.

Bossuet havia formulado êste princípio seguro: *"O que muda é falso: a verdade não muda"*.

O Islamismo mudou, se contradiz, se corrige; logo, êle é falso.

Paremos aquí; é o bastante para uma pessoa sincera, leal, à procura da verdade, verificar que o Islamismo é uma religião falsa, não é a religião divina, a única religião verdadeira.

Onde está esta religião? Já o dissemos: E' a religião de Jesús Cristo, conservada intacta no ensino da Igreja Católica, Apostólica, Romana.

Só a religião católica se apóia no berço da humanidade, só ela se adapta perfeitamente às necessidades do homem; só ela é coerente em seu ensino e imutável em sua doutrina; só ela tem as promessas da vida eterna e a certeza da existência perpétua.

: — : — :

(1) Alcorão C. 33-V. 28-53-66, 1 — 2 etc.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XXIII

RESUMO E CONCLUSÃO

Todo livro exige uma conclusão.

Para nós católicos, a conclusão da vida e doutrina de Maomé é simples e curta. O maometismo é uma religião tôda humana, obra do homem e não nos pode aproximar de Deus, porque só uma fôrça divina pode elevar-nos até Deus, a qual só pode derivar de uma doutrina divina.

Ora, só Deus pode comunicar tal doutrina, e esta comunicação se chama: *revelação.* — A verdadeira religião deve ser, pois, uma *religião revelada* pelo próprio Deus. Nestas condições, entre tôdas as seitas religiosas, está única e exclusivamente a *religião católica.* Só ela pode remontar, sem interrupção, de século em século, a Jesús Cristo, que é Deus.

O protestante, percorrendo os séculos, tem que parar diante de Lutero, seu fundador, em 1517, não podendo passar além, está desligado de Deus, pois aí começa a sua seita.

O islamismo pode chegar até o século VI, mas tem que parar diante de seu profeta Maomé, que é a origem de sua religião.

Os cismáticos gregos podem estender as suas pesquisas até *Fócio,* patriarca de Constantinopla, em 866, mas aí se detém a sua vista.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

São olhares humanos, não são de Deus. Logo só podem produzir efeitos humanos e não divinos. São religiões falsas.

* *
*

Maomé fundou o islamismo, ou religião dos Muçulmanos, em 612. De quem recebeu êle esta missão? Diz êle que foi de S. Gabriel. Mas, nenhuma prova cita em seu favor. Como vimos, é um engano, uma experteza, um pretexto.

E, mesmo admitindo-se tal revelação, seria ainda o islamismo uma religião falsa, pois a religião divina deve ser revelada pelo próprio Deus e não por um anjo.

Os anjos não possuem êste poder, como não possuem o poder de criar. Eles são criaturas, não podem ser criadores; são mensageiros de Deus, não podem substituí-lo, mas simplesmente executar as suas ordens.

Maomé não recebeu, pois, missão alguma divina.

E, como homem, quem era êle?

No começo, um pobre órfão, sem recursos, sem instrução, sem futuro.

Depois, foi cameleiro, viajante, comerciante, ganhando o pão de cada dia pelo seu trabalho.

Tornou-se homem de fortuna, pelo seu casamento com Khadidja, uma viúva rica.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Tomado de obsessão religiosa, movido por uma ambição imensa, quís reunir em suas mãos o poder espiritual e civil de seu povo: fingiu ter aparições do anjo S. Gabriel, que nunca teve, e pretendeu receber do anjo uma nova lei, para reformar o povo árabe.

Enfim, expulso de sua pátria como visionário e sedicioso, retirou-se para Medina, onde a reputação de homem inspirado o acompanhou, e onde formou definitivamente a sua sorte.

Político hábil e ambicioso, guerreiro intrépido e empreendedor, déspota venerado e temido, árbitro supremo do trono e do altar, êle executou então o projeto já concebido de dominar o mundo pelas armas e pela religião.

Para êste fim, tomou da religião dos Cristãos, dos judeus e dos árabes, os dogmas e as práticas religiosas que lhe pareciam mais aptas para êle grangear partidários e sequazes, no meio das nações que professavam tais religiões.

Dêstes dogmas e dêstes usos das religiões alí existentes, formou a base da *nova religião,* que pretendia praticada pelos seus.

Enganados pelas aparências e cegos pela ignorância, os árabes julgavam encontrar na nova seita a religião de Abraão e de Ismael, seus antepassados. O judeu julgava ter a religião de Moisés e dos profetas, e o cristão mal instruído em sua crença pensava encontrar a substância da religião de Jesús Cristo.

O cálculo foi bem feito, embora pecasse pela base, faltando à verdade e à sinceridade.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Em seu Alcorão, Maomé, para melhor iludir a todos, reconhece por divinas as diferentes revelações feitas, sucessivamente, aos patriarcas, aos profetas, e sobretudo as feitas por Jesús Cristo, que considera grande profeta e grande taumaturgo. Êle se dá a sí mesmo como sendo o maior dos profetas e assegura que as revelações que pretende ter recebido de S. Gabriel são as mais perfeitas de tôdas, que é preciso adotar, como sendo as mais modernas e mais certas.

Publicou o código especulativo e prático desta nova religião na absurda mistura, contraditória, sem nexo e sem ideal, que é o Alcorão, que dividiu e redigiu em vários capítulos, anunciando que cada capítulo lhe hasido via invisivelmente trazido do Céu pelo Arcanjo São Gabriel, porém sem nunca dar uma prova sensível ou autêntica de tal afirmação.

Persuadia e obrigava a adotar esta doutrina a golpe de espada, fazendo matar a quem suscitasse qualquer dúvida, e decretando o extermínio dos povos que se opusessem à sua doutrina.

Tal é o autor e a origem do Islamismo.

: — : — :

Examinemos um instante esta doutrina. Uma parte do Alcorão é conforme à lei natural, e, por isso mesmo, à religião dos patriarcas, profetas e Jesús Cristo.

Maomé reconhece a existência e a unidade de Deus, a necessidade de um culto e de uma lei, a verda-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

de de uma outra vida, a obrigação de praticar a justiça e a beneficência para com todos os homens.

E' por êste lado que êle a apresentava de início, pretendendo atrair sem forçar.

: — : — :

Uma outra parte da religião do pseudo-profeta, a parte que a caracteriza e faz dela uma *religião nova* é uma acumulação ridícula de dogmas desprezíveis e absurdos, de fábulas indignas e impertinentes, de erros grosseiros, de imposturas mal concertadas, que só o fanatismo ou um mêdo servil tem podido fazer adotar.

: — : — :

E' possível, talvez, que durante certo tempo, um maometano, a quem é proibido pelo seu profeta, estudar outras religiões, nada encontre em sua seita que lhe faça sentir a sua falsidade, conservando-se, dêste modo, numa ignorância invencível a respeito. E' possível, sim, porém, neste caso, êste muçulmano está na mesma situação de qualquer infiel que ignora invencìvelmente a religião cristã: está fora do caminho da salvação, porém poderia não se tornar indigno das luzes e graças que lhe tornem possível a salvação, conduzindo-o, pouco a pouco, ao conhecimento da verdade.

Se, porém, êste maometano, fazendo uso da sua razão, da boa fé, da retidão de seu espírito e de seu cora-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ção, procurar instruir-se sôbre a natureza e o estabelecimento de sua religião, ser-lhe-á fácil descobrir grande número de razões sensíveis e plausíveis que provarão não sòmente que a religião de Maomé não merece nenhuma fé, mas que é evidente e positivamente falsa.

: — : — :

Que deve êle pensar, refletindo sôbre o que lhe conservaram a história e a tradição a respeito da vida, caráter, moral e ambição do famoso chefe Maomé?

Que pensará êle do Alcorão, vendo que nada de racional e de sensato inclui, afora o pequeno número de dogmas especulativos e práticos, tirados da religião natural, ou emprestados da religião de Moisés ou de Jesús Cristo?

Que pensará êle, sobretudo, descobrindo vários capítulos compostos propositalmente pelo pseudo-profeta para justificar ações criminosas e vergonhosas, praticadas por êle, no fogo das paixões, e por êle mesmo proibidas em outros capítulos anteriores?

Que pensará êle de uma religião nascida na corrupção e no saque, estabelecida pela fôrça e pela violência e perpetuada pela ignorância e pelo fanatismo?

: — : — :

E' evidente que, para dar ao mundo uma religião nova, que se diz emanada de Deus, é preciso ter recebido uma *missão divina*, bem notória e bem autêntica.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Ora, qual é a missão recebida por Maomé?

Não foi, de certo, uma *missão ordinária*, emanada dos ministros de uma religião já estabelecida, aprovada por Deus.

Não foi, tão pouco uma *missão extraordinária*, autorizada por milagres resplandecentes e autênticos, como era a missão de Moisés, ou a de Jesús Cristo!

Consta pela vida de Maomé, pela tradição, pelas próprias palavras dêle e pelo texto do Alcorão, que o pseudo-profeta nunca operou um milagre, nem em público, nem em segrêdo.

A religião fundada por Maomé, o Islamismo, é, pois, uma religião falsa, uma religião inventada por êle, e não é uma religião divina, que possa trazer-nos a salvação eterna.

O muçulmano de boa fé deve examinar a sua religião, compará-la com a religião de Jesús Cristo, o Catolicismo e dêste confronto nascerá em seu espírito a luz para ver o êrro e a verdade. E Deus, que nunca recusa a sua graça às almas de boa vontade, lhe dará a fôrça necessária para renunciar ao êrro e abraçar a verdade, a única verdade, que está encerrada na religião fundada por Jesús Cristo e conservada pura e intacta na Igreja também fundada por êle: A Igreja Católica, Apostólica, Romana.

P. J. M.

* *

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Neste 1.º centenário da proclamação do "Dogma da Imaculada Conceição" não parece descabido, ao fechar o livro, citar o cap. XXI, v. 90, do Alcorão, passagem verdadeiramente gloriosa e reverencial: "Canta os louvores de Maria, que conservou a sua virgindade; ela e seu Filho foram a admiração do univercio".

(Cf. êste livro, cap. XIV, página 103).

† Livros Católicos para Download

ÍNDICE

	págs.
Carta do Censor	3
"Prefácio" de Pe. Antônio Miranda, S. D. N.	5
Introdução	8
Cap. I — A Arábia nos tempos de Maumé	9
Cap. II — Primeiros anos de Maumé	15
Cap. III — A Obsessão Religiosa	23
Cap. IV — O caráter de Maumé	29
Cap. V — Prègação em Meca	39
Cap. VI — O chefe de Medina	47
Cap. VII — O guerreiro tremendo	55
Cap. VIII — A grande batalha de Badr	61
Cap. IX — A grande derrota de Chod	67
Cap. X — Estratégia e Crueldade	75
Cap. XI — A vida sensual de Maumé	81
Cap. XII — Últimos dias e morte	91
Cap. XIII — A personalidade de Maumé	95
Cap. XIV — O Livro do Alcorão	101
Cap. XV — Os Dogmas Islamitas	109
Cap. XVI — A Guerra Santa	117
Cap. XVII — Ciências e Artes Árabes	123
Cap. XVIII — A primeira derrota	127
Cap. XIX — As primeiras Cruzadas	131
Cap. XX — O fim das Cruzadas	139
Cap. XXI — Decadência do Islamismo	145
Cap. XXII — A Falsidade do Islamismo	153
Cap. XXIII — Resumo e Conclusão	161

† Livros Católicos para Download